

REVISTA DE PERNAMBUCO



ANNO III
PERNAMBUCO

SCIENCIA — ARTE — POLITICA — INDUSTRIA
AGOSTO DE 1936
PUBLICAÇÃO MENSAL

BRASILEIRO
NÚMERO XXVI

O que viu o sr. Washington Luis em Pernambuco

A recente visita do sr. Washington Luis a Pernambuco, ha de, por certo, produzir excellentes frutos.

Homem essencialmente pratico, acostumado a encontrar, de relance, solução para os mais difficeis e delicados problemas de ordem administrativa, é bem possivel que, durante a sua ligeira permanencia no Recife, tenha apprehendido as necessidades em que nos debalemos, isolados como temos vivido do amparo da União.

Para augmentar á vista do illustre visitante o quadro das nossas difficuldades, muitos eram de opinião que, ao envez de passeios suaves e agradaveis, ao envez de lhe mostrarmos as conquistas do nosso progresso, o desenvolvimento que lemos alcançado, as grandezas economicas em que repousam as garantias do nosso futuro, deveriamos ter levado, pacientemente, o futuro chefe do executivo através dos alagados e das aldeias de mucambos que são a face crua e lamentavel, o aspecto desolador da nossa vida urbana.

Entretanto, o orgulho de quem se tem ajudado até hoje e o amor proprio de quem vive e progride dentro da esphera dos seus recursos falaram mais alto e esquecemos,

acertadamente, de lhe mostrarmos andrjos, para, num gesto de fidalga cortezia, conduzi-lo á observação do que mais nos enaltece e distingue.

A nossa maneira de recepcionar o futuro presidente, ha de sentir melhores effeitos do que aquella outra que a muitos talvez parecesse de maiores proventos.

Homem affeito a dar ao trabalho um alto valor, o sr. Washington Luis preferirá auxiliar os que se esforçam, os que luctam pelo bem proprio, a acoroçoar com dadas e favores aquelles que se não souberam dignificar pela propria pertinácia.

Pernambuco ha-de ter voltados sobre si os olhares de sympathia do notavel estadista brasileiro, porque elle poudo ver e admirar os aspectos mais recommendaveis do nosso trabalho, do nosso esforço, da nossa continuidade de acção, quer no que respeita á administração publica, quer no que concerne á industria, á riqueza economica de Pernambuco.

Si auxiliar os que trabalham é uma nobre manifestação de justiça, só se pôde esperar que o sr. Washington Luis tenha para conosco as mais elevadas intenções.

Os fructos de uma orientação económica

O actual governo do Estado conseguiu articular no seu quadriennio, quanto sensivelmente superior à conseguida pelos seus antecessores.

Este argumento que envolve uma confortadora realidade é o mais sadio e, decerto, por esse mesmo motivo, o mais predictivo chaveiro dos que, por não comprehender-a na sua verdadeira significação social e economica, se insurgem contra a politica financeira seguida sem recuos e straxas, do actual periodo administrativo.

Efectivamente, a receita geral do Estado que, no exercicio de 1922 a 1923, — a que importa dizer — na phase inicial da presente governo, apenas montára a importância de Rs. 29.428.433\$819, já no exercicio de 1924 a 1925 attingiu ao total arrecadado de 42.356.432\$129, exclusive o semestre adicional (Julho a dezembro de 1925) em que se conseguiu incorporar ao activo do Estado a arrecadação respectiva, na importância de 18.955.772\$609.

E' como se vê, um phenomeno administrativo de tal vulto e tão esbo: em a nossa vida economica, que denuncia insofismavelmente a adopção, por parte do governo que esses resultados con-

seguio, de medidas fiscaes denunciadoras de um cuidadoso estudo e de uma feliz mobilização de factores susceptiveis de promover assim naturalmente, sem os artificialismos tão perniciosos ao rythmo evolucionar das collectividades a expansão progressiva da riqueza publica.

Si, porém, foi bem maior neste quadriennio a arrecadação dos dinheiros publicos, muito maior foi por outro lado a somma de melhoramentos de toda e ordem com que têm sido contemplados nestes quatro annos de comprehendimentos, os mais carecidos, os contribuintes do Thesouro.

Para demonstrar esmagadoramente o espirito de alto patriotismo que presidiu a applicação da receita arrecadada, basta um breve confronto entre a situação do patrimonio material do Estado em 1922 e o seu activo actual.

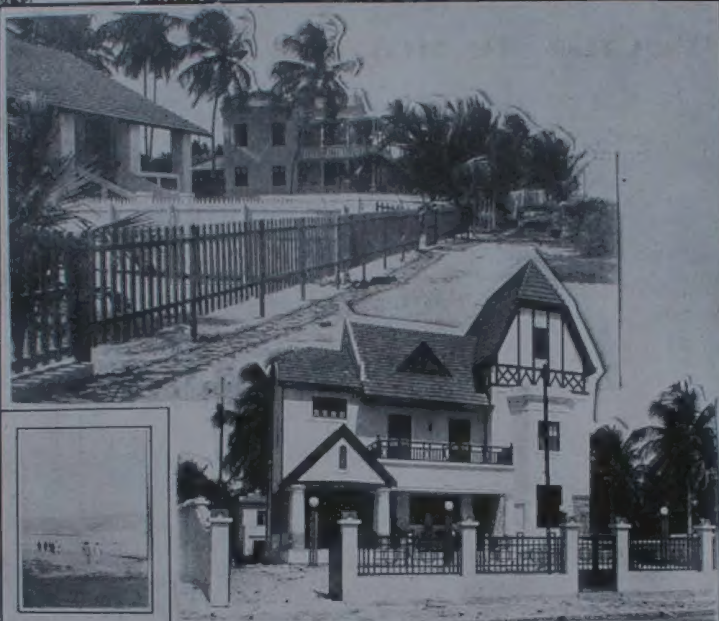
Para a documentação formal do alto criterio administrativo adoptado pelo governo para a mais proveitosa applicação da receita arrecadada durante a sua permanencia a frente dos negocios publicos, a um dever de elemental justiça, de ineluctavel lealdade humana, addicionar a esse augmento do

patrimonio geral, cerca de 200 kilometros de estradas de rodagem construidas neste quadriennio, que ainda tem o direito de inscrever na vasta relação dos melhoramentos realizados, os jardins e dependencias do Palacio do Governo, a segunda linha adductora, novo bairro do Derby, com o seu sumptuoso quartel modelo, a Avenida Beira Mar, o Palacio da Justiça, o Departamento de Saúde e Assistencia e, finalmente, todos estes melhoramentos que transformaram por completo, em quatro annos, as nossas caracteristicas sociais e as nossas condições economicas.

Isso sem incluir o Palacio da Justiça, as innumeras cadeiras, grupos escolares do interior e muitos outros melhoramentos de real valor.

Ora, um governo que assim, superiormente, patrioticamente, infatigavelmente, se desincumbe aos espinhosos encargos que lhe foram attribuidos pelos seus condãoes, é um governo que tem o direito de aguardar confiante e justo superior do Estado, não é emitindo, pelas suas faltas apostolas, mas esse applauso espontaneo e forte que vem fatalmente do seio das elites.

A AVENIDA BEIRA-MAR



Essas lindas "bun-
galows" da Avenida
Beira-Mar não são,
entretanto, o traço
predominante de sua
beleza. Têm uma in-
fluência mais profun-
da na sua feição pro-
pria, tornando-a mui-
to graciosa, os seus
luneros coqueiros,
São dois scenários
imponentes, em con-
traste, a empolgar o
passante — O mar,
auscuro e eterno,
sempre a beijar a
areia clara da praia;
o coqueiral, negro,
sempre farfalhante e
volúvel como a pra-
ia, que o agi-
ta.

NEBLINA

FERNANDO DE CASTRO FERRO.

Deixa lá, Não te inquietes. Isso passa,
 Poka os teus olhos humidos nos meus...
 Mas como eu estou nervosa, Santo Deus!
 Deve ser desta luz tristonha e buca.

Fecha a janella e deace o respasleiro,
 O pôr do sol não me diz nada hoje...
 Entristece-me ver que o dia foge
 Sem me levar de ginto este nenoeiro.

Vem sentar-te a meu lado... Assim, Tão perto
 Que este abat-jour possa envolver os dois,
 Acende a luz agora... E te depois
 O frecho em que esse livro foi aperto.

Gosto de ouvir certos historios loucas
 Em que ha fadas, dragões, um rei feroz,
 Animais que se querem como nos,
 E flores que se beijam como bocas.

Lê devagar... (A tua voz é linda
 E eu quero conserva-la em meus ouvidos
 Como certos pregões, certos zumbidos...
 Lê devagar... Mais devagar ainda).

Ouvindo a tua voz, fixei-te a boca...
 Quantas promessas me tem feito, quantas!
 O meu amor é que the exige tantas,
 Toda a ternura the parece pouca.

O teu passado intenso o que será?
 E afinal o que sei da tua vida?
 Gostaras tu de mim? sei lá! Sei lá!
 Esta tristeza traz-me envelhecida.

Lá fora o vento anda varrendo as ruas...
 Não leias mais. Fecha esse livro inútil.
 Toda a litteratura é va, muita...
 E as minhas mãos querem beijar as tuas.

Agora estou melhor. Convergaa... Embala
 Com ternura e piedade a minha dor...
 Como é bom ter-te perto, meu amor!...
 Como eu gosto de ti!... Mas fula, fula...

Diz-me tudo o que sentes, o que pensas,
 Que eu acredito em tudo o que me dizes
 E assim seremos sempre mais felizes,
 E as horas nãoca mais serco tristes.

Amas-me sempre mais? Eu sei, eu sei...
 Não tem razão de ser esta tristeza...
 E'a bom... E eu lino sempre essa certeza,
 E foi por isto mesmo que te amei.

Agora ja tu vai toda a neblina...
 A noite é bela... É a tua como arte!
 A verdade é que esteve linda a tarde...
 Apaga o candieiro... Ergue a cortina.

VIDA



SOCIAL

Senhorinhas Carmen e Dulce Chaves, dilectas filhas do
excm. snr. dr. Eurico Chaves, digno presidente do
Senado Estadual, e de sua virtuosa
esposa, d. Chiquita Chaves.

MALDITO AMOR

Maldito seja o coração que eu tenho!
maldito! e o Amor que é minha provação,
minha Esponja de fêl, meu grande lenho,
sobre este Amor tres vezes maldição!

Ruja o mal dentro em mim! ruja e, rouguenho,
seja na morte a minha Extrema-unção...
e a Angustia de esquecer porque me empenho
a minha ultima consolação!

Belibeth, por meus passos, nos caminhos
zejo o chão só de pedras, só de espinhos...
nem eu tenha a ventura de chorar!

Maldito eu seja, misero captivo,
que nem posso morrer, porque ainda vivo
do lindo inferno desse lindo olhar!

PARA'

De Campos Ribeiro

ILLUSÃO DA SUBIDA

A Araujo Filho

Poeta! escala a montanha! Firma as garras
na crosta ardente e sobe e alça-te ao cimo!
Lá no alto aureo filão refulge em barras
e eu, que tentei subir, já desanimo.

Sobe! galga o alcantil! Ferreas amarras
parte e sobe inda mais! Procura arrimo
e sobe! Encrava harpeos e simitaras
com furia e força sobre a pedra e o limo!

Firma os passos e investe pela treva!
Calca as urzes e os cardos da subida,
barbáro e rude na ansia que te eleva!

E do ápice, abrangendo a cordilheira,
scote a vertigem de subir na vida,
e rolar do alto em torvelino de poeira!

PARA'

Bruno de Menezes

TEU OLHAR...

Para Mlle. A. G.

Teu olhar é como a lã
Quando o rio vem belar;
É men fatal, luz que actúa
Nesse batiol que fluctúa
No peito meu que é o mar!

Chora o rio a margem sua,
Canta um barqueiro a vogar!
Um trovador, lá na rã,
Diz os seus versos á lua,
Diz uma ode ao teu olhar.

Fatal aroma tressua
Do teu seio... singular;
Teu olhar é a propria luz,
Luz de estrella, que insinua
Min'alma trepascular.

Vem dizer-me a historia tua
E tambem me dadivar
O teu corpo, — virgem nua,
Nesse batiol que fluctúa,
Vem ouvir, vem, meu cantar.

Previnho... por culpa tua
E' criminoso — o teu olhar!
Beijo a tua bocca que está
Nesse batiol que fluctúa
No peito meu que é o mar!

ORPHANDADE

Para o Mario Lisboa

Viver sem pai, sem mãe. A vida assim medito...
Por pai ter solidão; por mãe negra clausura;
Viver sem pai, sem mãe. A vida, assim, repito.
E' ser muito infeliz, extrema desventura.

Viver sem pai, sem mãe. Ter vida de proscripto,
Sem ter onde pensar, sem sonhos de ventura!
Nascer sem lar, sem té, sem luz, é ser preclito.
Arquejante viajar que o temporal tortura.

A vida é mesmo assim: um goso, outro labuta,
Um vive para o mal, — prazeres mil destructa,
Nascerem outros pra bem, somente p'ra penar.

Oh! Creanças virginaes, por que soltas lamentos?
Canta! não blaspheméis nos vossos soffimentos
Porque tambem eu soffro e canto sem cessar!

MURILLO — COSTA

SER FELIZ

Para o meu bom Papae

Ser alegre e feliz! Viver no fausto,
Ver tudo por um prisma extasiante,
Não é p'ra aquelle que se julga infasto,
— Outro Alasverus, no deserto, errante.

Ser alegre e feliz! Sorver, num hausto,
O nectar da ventura estonticante,
E' para aquelle que, sem botocasto,
Em noite enlurada as magens cante...

Eu sou um triste que, sorrindo, chora,
Que, com a vista, perlongando o out'ora,
Vê, em prumo, a saudade que sorri!

Quando morre a chimera, o sonho passa:
A vida é mesmo essa subtil fumaça
Que, pelo espaço azul, já se cunha!

O SENADOR WASHINGTON LUIS EM PERNAMBUCO



1 — Grupo tirado após a visita às Docas do Porto, à porta do edifício dessa importante repartição do Estado.

2 — S. Ex. percorre os armazéns das Docas.

3 — Grupo de jornalistas que foram ao encontro do "Fard", no dia da chegada do dr. Washington Luis.

Medidas fiscaes

Em regra geral o êxito de uma administração depende da oportunidade e da intelligência com que são postas em pratica as providencias relativas à perfeita arrecadação da receita pública, e sua applicação em melhoramentos de reconhecida utilidade.

É perfeitamente cerial que, só numa floangeira situação da fortuna publica pode permittir a um governo, que quer de facto promover o progresso geral da collectividade sob a sua direcção, realizar com todas as vantagens os seus planos administrativos de trabalho a luz da verdadeira economia social e politica.

A complexidade e a delicadeza desse problema para uma região como a nossa cuja situação economica está sujeita ás mais impressionantes mutações, resalta logo á analyse do observador menos familiarizado com as questões dessa ordem.

Ao actual governo do Estado não escapou, desde os primeiros dias do seu mandato, a premente necessidade de uma solução para esse palpitante aspecto da administração publica.

Os actos officiaes mandados pôr em execução no decurso do actual quadriennio são de modo a deixar claramente demonstrada a conveniencia dessa larga politica que tem visado principalmente, com os mais ponderaes resultados de ordem social e de ordem economica, os altos objectivos que se preñdem ao desenvolvimento maximo da riqueza collectiva.

Esses actos governamentais, pela clara visão administrativa que os personalisa, pelo critério

prático de que se revestem e, finalmente, pelos fructos optimos que hão produzido entre nós, num tão exiguo lapso de tempo, podem rigorosamente constituir, como de facto constituem, um jardão de glorias indestructiveis para o governo que os concebeu e os applicou.

Com o fim de facilitar o mais possível a arrecadação das rendas estaduais foram creados no interior nada menos de 11 postos fiscaes, assim distribuidos: 1 em Taquaretinga, no povoado Santa Maria; 1 em Timbauba, com a denominação de "2º posto fiscal"; 1 em Correntes sendo 1 no lugar Mendes, 1 em Boa Ventura e 1 em Lagoa do Duro; 1 em Alagôas de Baixo, no lugar Pernambuco; 1 em Exô, sendo 1 no trecho de Brejo a Santa Antonia, outro entre Tabocas e Pamônia e outro no trecho de Genimambú a Velho Exô; 1 em Granito, na Povoado Rancharia; 1 em Ouricury abrangendo o trecho de Queimadas a Santa Cruz e Barra de S. Pedro.

Alinda com o objectivo em foco foram recentemente reformados o Thesouro e a Recebedoria do Estado, medida essa que vem ao encontro de uma indistinctivel necessidade de administração.

Outra providencia acettata do actual governo foi a sua divida o desdobramento das collectorias estaduais do interior que reactualizavam imperativamente essa medida e que foram as seguintes: Taquaretinga, Nazareth, Bom Jardim, Garanhuns, Pesqueira, S. Lourenço, Timbauba, Salgueiros, Victoria, Brejo, Panellas, Petrolina, Bonito e Correntes.

O
SENADOR
WASHINGTON LUIS
EM
PERNAMBUCO



A CHEGADA A PALACIO

I e II — Chegada da filousine governamental, conduzindo o presidente eleito da Republica e o governador do Estado, no Palacio do Governo.

II — Sr. excelsa, entrando no Palacio.

A eloquencia dos factos

ABEL DA SILVA.

Quando pretendemos encontrar, nas suas linhas mais bem determinadas, a figura exacta e real da verdade das coisas, temos de recorrer sempre às coisas da verdade.

Não tentemos descobrir a verdade pelos caminhos e pelos processos da mentira.

Em nome, mais infimo recolhimento de espirito não deve existir, para os casos de consciência plena, o mais leve sospiro da lama noventa e milagre do odio, da inveja, do capricho cego, da invidia, da vacillação e da tendenciosidade, porque é de todos estes elementos nocivos que se constitui a mentira em toda sua fealdade sordida e diabólica.

Tenho o habito incoerente de ver as coisas por mim mesmo, furtando-me sempre às sugestões alheias: boas ou más, sejam estas ou sejam aquellas, — as maneiras de ver dos outros não conseguem produzir em meu espirito a menor influencia.

Muitas vezes, ouvindo opiniões que até procurei respaldar e acceitar, tenho de reformar mais tarde o primeiro juizo formulado para poder dar a mim mesmo a certeza de que não estou em erro.

E' o que experimento presentemente nesta visita de alguns dias que estou fazendo ao Recife, aqui onde passei mais d'uma dezena de minha mocidade, dedicando-me à falta eschivada de se metter envolvente que é a imprensa diurna.

Durante esse período de minha actividade jornalística, tive, sempre de fazer imprensa combativa, em attitudes fortes de opposição, mesmo desamovendo o firme porque se allegava para mim boas e certas razões de ser.

Ao lado de batalhadores notáveis que não eram — somente Baltazar Pereira, Manoel Cresto, Gonçalves Maia, Placência da Camera, mas ainda um pleiade brilhante de outros espiritos elevados — nunca me foi possível sopitar os estus d'alma diluís dos flemmas do poder de

então; mas também nunca me foi possível utilisar, no meu officio armas que não fossem as da verdade, porque em tudo, e principalmente na imprensa, a peior das armas é a mentira.

Pora do Recife nem por isso deixo de lér com a possível acuidade, o que reflectem os factos.

E da leitura destes vejo aplanas e vejo senuras à obra administrativa do sr. Sergio Loreto.

Posso, pois, entre as palmas e os docetos, tirar a minha conclusão segura adoptando os meus processos de criticas, livres e personalistas.

Não posso formar opinião muito solida a respeito das condições financeiras do Estado, porque essa opinião demandaria largo estudo comparativo entre cifras passadas e cifras presentes; podendo, entretanto asseverar — porque isso é demandado logico — que Pernambuco ha de fotograficamente participar da grande crise que experimenta o Nordeste Brasileiro; é uma simples questão geographica, uma condição climática, é uma determinante da irregularisação do trabalho.

E para debellar essas causas, nunca, em qualquer dos palcos inclusos no quadro da civilisação, nunca foi possível encontrar remédio na acção isolada e unica do poder executivo. Esse remédio só pode ser encontrado na acção conjuncta de todas as classes sociais.

Bloquear a poder publico, ferindo-o com as setas da maldicencia, da má vontade, da inveja e quicá da calumnia — é fazer obra de impatriotismo, é desmanchar a fidelidade collectiva de nucleos sociais talvez dignos de melhores destinos.

Quando de parte o espirito financeiro da actual vida publica de Pernambuco, do qual já disse não estar bem inteirado, não vejo sinais de regressão nas outras repartições administrativas. E, como sempre acho que o diabolico por si só não constitui a fidelidade dos individuos nem dos

povos, sou obrigado a dizer que Pernambuco vive sem mais infidelidades além da deficiência que é ephemera e que ha de passar sem longa demora.

O progresso material e architectónico da capital avança rapidamente aos olhos de toda gente que tem olhos para ver esta edificação nova, de bom gosto, elegante e agradável.

A rodoviação no interior, van todos os dias melhorando e augmentando.

E sobretudo — ponto este que deve ser destacado para honra da verdade — a tolerancia do governo aumenta a recordação dolorosa de épocas não muito remotas, nas quaes a violencia era o padrão terrivel de desabusados prepostos do poder publico, agindo em plena e lamentavel goza de uma irresponsabilidade que desmoralizava a terra cheia do orgulho de tantos filhos gloriosos, a terra cuja history constitua um volume sagrado de terras e linhas palmas cheias de heroismo e chieas de bravura.

Os precedentes do sr. Sergio Loreto, dão-lhe mais fustimo direito ao acatamento, ao respeito e ao apreço de todo homem sensato.

Sereno e grave tem removido todos os entraves à marcha de sua obra politica administrativa, e certamente com a mais louvavel coherencia ha de chegar até ao fim.

E' muito possível que os burocratas e despoletos, a maldicencia e todos os outros surtimentos ruins que infelizmente nos conturam, tenham de seguir até ao fim tambem.

Mas o eminente homem publico pode e deve fechar-se, atrevido na consciencia de si mesmo, desprezando a grita das máas e louvando-se simplesmente no proprio registo de seus actos acertados.

O furacão endoibado das injustiças não tem força contra a eloquencia dos factos.

Da "A Noticia" de 16 de cor rante.

O
SENADOR
WASHINGTON
LUIS
EM
PERNAMBUCO



NA
FACULDADE
DE
DIREITO

1 — O magestoso edifício da Faculdade de Direito do Recife, por ocasião da visita do presidente eleito, da República.

2 — Um conjunto do exmo. sr. governador, do director e leites e a vista da escadaria principal do tradicional templo do Direito.

3 — A saída da Faculdade a «Revista de Pernambuco», acompanhando os eminentes homens públicos.



POLITICA FINANCEIRA

... e luz das ne-
... suas p...
... a, demo-
... um perfeito

... e em prol de uma mesma fi-
... (continua)

Para servir-o com inteligência e com sinceridade é indispensável, pois que os seus dirigentes saibam auscultar e compreender, em toda a sua realidade, os phenomenos sociais repletos de graves problemas de interesse commum, pendentes de solução.

É o que tem feito, desde o seu começo e através de todos os officios, a actual administração pernambucana.

Estudar de espirito absoluto, não desprezando, a realidade administrativa realista, dentro devesa quatro annos de trabalho ininterrupto, sentir-se o patriota confortado por essa inaprimável demonstração da grande capacidade de trabalho de alguns dos nossos homens de governo.

Uma das mais fecundas iniciativas do actual quadriennio, pela sua grande e efficaz repercussão na economia collectiva foi, sem dúvida, a que se refere ao acto governamental de que resultou a oportuna criação da Caixa Economica do Estado.

Esse acto que fulgurou, pelo voto do governador em 1.º de julho do anno proximo passado, sob o n. 237 foi escripto, através destes annos, sete annos de regimen republicano, no um dos empreendimentos administrativos de maior effecto para a evolução do Estado.

... e em
... por essa providencia do pu-
... publico diz-o com a maxi-
... pedia uma analyse sin-

da que muito superficial, sobre o movimento financeiro.

offerece a Caixa Economica do Estado, nestes poucos meses de sua proveitosa actuação em a nossa economia.

Esse movimento que nos dá uma expectativa optimista sobre as possibilidades do referido estabelecimento de credito accisa um activo de depósitos totos no total de \$77.000.500 contra um total de retiradas na importância de 414.230\$.

... resulta um saldo bastante significativo de 462.770.500\$.

Para maior desenvolvimento das operações financeiras da Caixa Economica em foco foram creadas duas agencias, uma em Nazaré e outra em Agua Preta, achandose em estudos para a mesma (na mais á collectoria) estações, da interior.

É preciso, porém, que já de ha muito estão as collectorias do Estado devidamente autorizadas a effectuar pagamentos de cartas de ordens, emissões da caixa matriz e vice-versa, medida essa que veio convenientemente simplificar e favorecer as transacções commerciaes entre o Recife e as cidades da interior.

A caixa encarrega-se tambem de, na qualidade de procuradora legalmente constituída, receber nas respectivas thesourarias os vencimentos de funcionarios estaduais, federaes ou municipais mediante a commissão fixa de 5000\$, qualquer que seja a quantia a receber.

É esse um dos aspectos mais recommendaveis da Caixa Economica do Estado, resolveu-se diante uma commissão assaz importante um tão serio problema para numerosas pessoas que se não afiasar dos seus postigos longinquo e cheios de graves responsabilidades.

No medalhão à direita, o coronel Toscano de Brito, comandante da sétima região militar, em companhia do dr. Apuleio de Assunção e de oficiais do exército, por ocasião da sua visita.

SENADOR
WASHINGTON
LUIZ



I e II — Minuto Intimo oferecido pelo Excmo. de Senador Francisco de Senador de Washington Luiz no dia 10 de julho do 1906 seu desembarque.

III — Grupo de senadores do Parlamento do Governo, em nome de da bandeira oferecido pelo sr. governador do senador Washington Luiz. A esquerda da para direita: Capitão Rogério de Mello da Casa Militar do sr. governador do Estado; sr.

Amador Sanchez, consul da Hespanha, o sr. consul da Inglaterra, o sr. consul dos Estados Unidos de Amador Fernandez, secretario da Justiça e Instrução, o sr. consul do Uruguay, dr. Courney de Medeiros, official do Governo, do sr. governador do Estado e major Alfredo d'Agostini, da Casa Militar do sr. governador.

IV — Grupo formado no salão de jantar do Palácio do Governo, sentados: da esquerda para a direita: dr. Ulysses Pernambucano, director da Escola Normal Official; sr. Rodolpho Sartorelli, secretario particular do dr. Washington Luiz; dr. Otávio Alvares do Departamento de Saúde e Assistência; em pé: major Alfredo d'Agostini e capitão Rogério de Mello, da Casa Militar do governador do Estado; dr. Coaracy de Medeiros, official de gabinete do sr. governador do Estado.

O SOLAR DOS SUASSUNAS

Estevão Pinto

[illegible]

una casa ao estilo
ancien régime,
amplo, patriarcal

A Voz de que nos fal-
 la, o Julio Dantas, con-
 ta os seus parêntes, e
 o seu tio, com seus
 villos envidraçados, com seu
 chão de tijollo, com sua
 recriaria e corredores de
 claustro, com sua capella di-
 creta, com seus tertios de
 tumba, com sua physionomia
 fradesca e ingenua, e por or-
 dem do gosto colonial de cem-
 annos atrás veio collocar,
 depois, alguns azulejos de
 louça de Rato ou algumas
 caudas de andorinhas, ar-
 relutadas e pitorescas.

Na mansão apalaçada do Pombal passou quasi trinta annos — uma existencia inteira! — o rigido politico do Imperio, esquecido do

quelles quatre murs restaient à construire.

Tom que se tornou o primeiro
recinto? Resposta: não.
... cento. É a gente
... sweet
nome, e aí a história tem
... sweet home de
...
... entre um ...
e uma ...
...
... tounure de ba
... de rosas e de
mulheres. De 1850

O visconde de Suassuna
 é uma das figuras mais ro-
 mânticas dos meados do se-
 culo XIX. Além de ter sido
 um dos candilhos da revo-
 lução de 1817, esteve, tam-
 bém, com seu nome ligado
 à celebre guerrilha dos Ca-
 banos.

Desgostoso dos acontecimentos lútricos do império, recolhendo-se então, ao velho paço solarengo e fidalgo, de onde o conseguiu tirar a dura morte. De e que a morte de lá o tirou. E se é que o illustre solitário do Pomboal não paíre ainda, como uma sombra, por entre a ugru penumbra do arcaria secular dos corredores

A SOLIDARIEDADE HUMANA

Por HEDERINA CHAGAS

Guilherme chegou cansado e assim mesmo se pôz a estudar, ou antes a voltar as páginas dos livros com o pensamento longe, numa scena de rua.

Pouco a pouco, num velho bar, que tinha quando ainda era colun e preocupava, pôz um pé sobre a perna.

E tanto torceu e tornou a torcer o budo do sapato que o descolou da sola, numo lance de pouca humilhação e de fadiga. Dahi a fadiga dele.

Guilherme era preto, e não seria tão velho, não indurido como os negros que desleste das almas e que se entre-

Via entre um negro, o tio Thomé, cuja carapinha começava a tomar na fronte um característico de lábio.

O tio Thomé viajara muito quando moço seguindo o fio do senhor sem que xume pelas comodidades que eram obrigadas a ter num alto só e a sair a mirarem de um lado ao outro.

Fôra assim um ou tio Thomé seguindo um incontentável e andado Jacintho.

O tio Thomé, que tinha dentes brancos e longos, de um lado a outros, e os olhos inchados, de sua antiga existência de bohemio.

Guilherme passava e ouvia, ainda lhe restavam como guilherme as palavras do preto.

— É a gente vê muita coisa bonita nas viagens muita coisa boa, mas é que aproveitamos tão apenas as velhas.

E pensava: — Assim, não vale a pena estudar, isso é uma viagem através de páginas aborrecidas e afinal só nos serve aquilo que já sabemos.

E assim pensando, juntou os punhadinhos fechados e começou a cateterizar como se amadorado.

Guilherme viu de novo o tio Thomé. E foi a aproximação mais grave, como costumam ser os avós.

Seu olhar que a todo a fechando dentro das palmeiras tinham um lado tão brilhante, meio preto, assim fossem estrelas pequeninas a scintillar entre duas nuvens.

O tio Thomé tomava os homens, a que se tinham

dependurado tantos pesos nítidos exigidos, puxados, e a grande hirto, como as redess de fugas curadas.

E a luz que o fardo não no que ainda mais se aquecia de encontro ao peito forçado, que o estrellava.

A Guilherme parecia, que andava ao lado da mamãe, tão mole e tão doce era o abraço, que o prendia.

Rolam pelo mundo o preto,

as raças e condições humanas.

Elas se davam mutuamente, e não pareciam ter um mesmo pensamento.

Havia-las brancas e lindas como a prima Nelly que tanto orgulho tinha no alto dos olhos morenos, como a Rosita, cujos olhos ela não sabia bem se eram negros ou brancos, de tão brilhantes, japonêsinhas de bocejo, linguinha e poses delicadas.



almo acariciando os olhos para conter as lágrimas de quando a vendo, a boca aberta de pergunta que o preto, encoberto com um pé.

Cada vez que o Thomé nunca se deixava sem resposta, por mais absurdo que parecia o assunto improprio.

Guilherme, porém, achava que sabia tudo aquilo, apenas nunca tinha observado que era por isso que por aquilo, que assim acontecia.

Edmundo tem a um lugar onde se achavam crianças de todos

de gentes, negrinhas e brancas, como a creolinha Sophia que só andava aos pés, desenhando na lousa quando de resto um duplo fio de contos de fadas mas todas eram assadas, bem postas, abrigas e pareciam estimar-se muito.

Guilherme admirava-se.

Os meninos eram robustos, agis, gentis, sem attitudes de gente grande e tão diferentes dos seus camaradas do Adalberto, por exemplo, brigão, com gestos sempre violentos, me-

tas que do avô, e assim em um Luís um pequeno menino, que a mãe estava com o e tinha revolta até a chegar as rodadas da gola ou riga a cabellera ande lá.

Uma senhora, outra e mais, e assim em um sem distincção entre as encontradas e as fadas e as criadas com a mesma ternura.

Um, que nunca via uma criança fina e elegante cheirando a um perfume caro — a filha Carolina, sempre um gesto que o mantivesse a distancia de tanto pa e quando tinha de falar a algum e ela era uma duma de altas qualidades sociais —, admi-

Thomé se havia de beijar as crianças e as respondia.

— porque não todas eram brancas quer de lá e o futuro da humanidade que ellas representavam, todas as crianças da grande cadeia da solidariedade entre as creaturas, sem preconceitos, humilhações, diferenças de raças, porque, em verdade, só ha uma raça, a raça humana. E si nós ajudarmos nossos irmãos, ajudamos a nós mesmos. Trabalharmos para o progresso e o aperfeiçoamento da especie.

Guilherme não entendia muito bem a linguagem correcta e exacta do negro.

Mas achava que, de facto, devia ser assim. E achava mesmo por pensar que já o tio Thomé tinha muito tempo.

— É bom, tio Thomé, é bom, porque também eu.

O preto voltava ao chão. Guilherme via-se rodeado pelas crianças e meninos encostados pelas senhores.

Tão

No outro dia elle disse a mãe que o tio Thomé era um homem muito avisado.

Nada mais olhavam, mas sempre que o encontrava achava-se a guerra num rumo primeiro.

Um dia um amigo perguntou-lhe porque o tio Thomé.

— Foi elle quem me ensinou a que é a solidariedade humana.

A DOUTRINA DE FREUD E A LITTERATURA MODERNA

JOSÉ DE CASTRO

Não é da doutrina de Freud que eu vou ousar falar, nem tão pouco vou applicar ao novo movimento litterario a doutrina que quero é comprovar as ultimas ideias revolucionarias com as affirmações do celebre professor de Vienna.

O nome de Freud é a bem conhecida e é bem real o seu merito, para que com elle eu me apague no demonstrar a razão de ser do que muitos chamam "aberrações litterarias", "litteratura mal assumbrada", etc.

Denominações que não fazem a nova litteratura porque, assim a chamam os que lhe negam o seu valor artistico, e, uma negação pessoal obstinada não impede a evolução fatal de realidades originadas da criação inconsciente do progresso.

Cita Alberto Sombra — um real africano que negava a possibilidade do gelo que nunca havia visto "Sua" razão repelli que a agua possesse apresentar-se sob a forma solid. E' a negação pura dos ignorantes.

E as aberrações da litteratura moderna se produzem ao atravessar o prisma com que a contemplam os leigos no assumpto (com o olhar insignificante e presumçoso das burguezas afeitas o "horizon" evidenciada) e que repellem este movimento por simples horror a revolução da qual ignoram os provelhosos fructos, por mera negação desproporcionada de textuamidos.

E' louvavel duvidar e com duvida perquirir, mas nunca negar com o dogmatismo do "não".

A — Doutrina de Freud — baseia-se na nova concepção da constituição do "eu" psychico — do "eu" consciente e "eu" inconsciente, ambos dinamicos. Vem assim contra a psychologia classica que dizia o "eu" — "a somma da consciencia do-

neutroneos" — e mesmo contra a de poucos annos atrás que considerava a inconsciente "inexistente".

Mais o Julgava estatico como estratificação de ideias revidadas do consciente.

Freud assim não julga o seu "eu" inconsciente — é absolutamente dinamico as ideias evidenciam, vibram e originam as altas creações do espirito humano.

E na ultra-vidade fou se quezerem na busca decadencia de citar a mim mesmo em auto-estudo —... é livro do "eu" consciente e abstracto ao espectaculo exterior que o cerebro revolve o seu agregado intimo de cellulaz e de ideias.

Quão magnifico é sabermos de nós mesmos e mergulharmos nestas mysteriosas correntes magneticas intracerebraes, subconsciente que com um poder sobrenatural adornece as nossas mutulas e desperta o nosso cerebro! Quão magnifico...! E' a victoria do cryptolite sobre a concretização material. E a vontade — "impulse by ideas" — é um effeito que ás vezes pula ciz a serçama. —

E assim o inconsciente é uma grande parcella — a maior e a melhor, no dizer de Geley, do nosso "eu" psychico —

E o "eu" da psychologia classica não é senão um "eu" fragmentario, profundamente heurplexico.

Alberto Sombra evoca a imagem do "iceberg" para dar uma ideia de relação entre as duas consciencias: "a parte fluctuante é a consciencia tal qual a conhecemos; a parte submergida comprehende nossa existencia subconsciente, muito maior, mais rica em relações, onde a primeira tem o seu fundamento.

Levemos a theoria ao campo intellectual e veremos que as inspiraões, o genio, brotam do inconsciente desta casa Intel-

ectual tão cheia de soffrimentos brotam surgem em raios luminosos, como "La Vague" de Adamson — "avec un immense d'air d'espace et d'inf".

Desta casa onde todos as impressões, todas as vibrações de todos os dias, as ideias mais lucidas da natureza foram guardadas com um carinho supranormal e onde se constroem a concreto das edificações — as solidas pedras da imagens que o mundo projeta para dentro do "eu".

Quando se ocupam com a nitidez da verdade uma imagem da propria natureza que o espelho do subconsciente reflecte do seu vidro polido na eterna claridade de todos os annos.

E' ainda o autor da "Anna" o subconsciente que diz "Do subconsciente é que provem mensagens de inspirações que se deformam, se degradam, re fractactam, atravessando o vehicle cerebral e que geralmente por dem alguma coisa de sua grandeza e belleza inicial ao atravessar esse conductor material d'ideias, de harmonias de ritmos de som, de cores, da forma-conductor que é o cerebro physico".

Pois bem, o homem brasileiro tem o seu subconsciente entumescido de ideias fornideis e focos de inspiração.

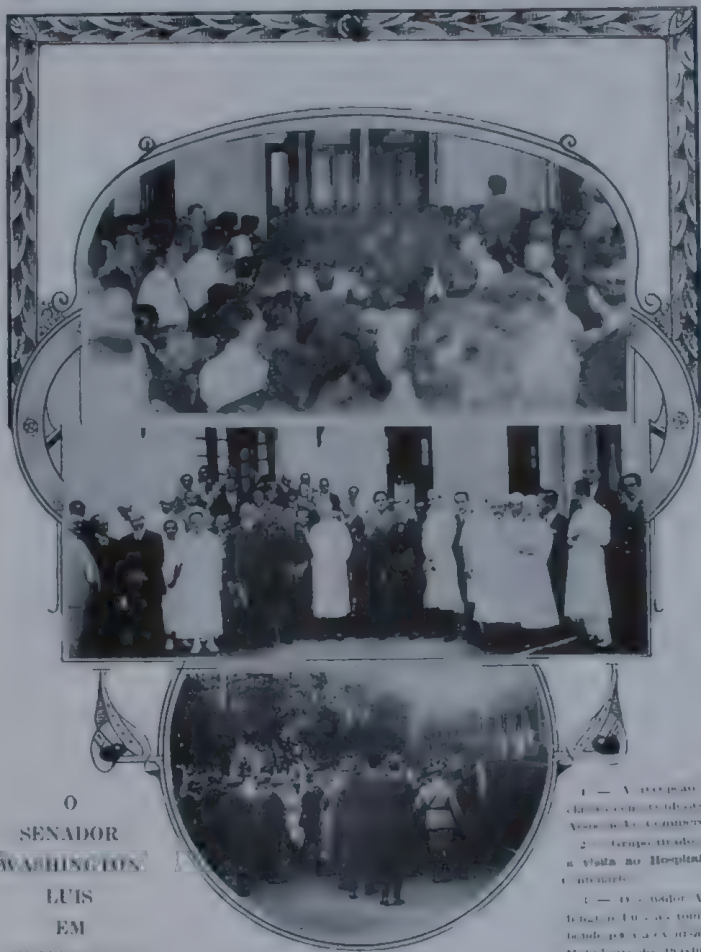
Borbulha no seu cerebro e grido pelo sangue cuido de tres racas, um enthusiasmo que ferve, não como ferverem friamente os liquidos em ferventulo, mas com a effervescencia escalante dos meteos que se decretam.

perfeccionam-se, surgem, evoluem e elevam-se momentos grandiosos nos parcos neuromas de um cerebro!

E o proprio instincto brasileiro é o instincto multiplicado do tri-ricio.

Dizla Augusto dos Anjos, aquelle grande echimide, aquelle

(Continua duas paginas adiante)



O
SENADOR
WASHINGTON
LUIZ
EM
PERNAMBUCO

1 — A recepção dos
chefe e comitê de
Associação Commercial
2 — tempo de almoço
a visita no Hospital do
Cancer

3 — O Senador Wm.
B. de F. e os membros
do comitê de recepção
Machado dos Reis e Silva

O Senador W



EM



Em 18 de Maio de 1908, o Senador W...

Washington Luis



PERNAMBUCO



... grande banque
... de la per
... de la Grande per
... Washington Luis

A
"REVISTA"
NO
RIO DE
JANEIRO



O poeta Góes Filho, autor do
"Poemas das Distancias", em
companhia dos academicos An-
tiogenes Chaves, Pedro de Góes e
Nelson Chaves, no Alto da Boa
Vista (Cascatinha), no Rio de
Janeiro, pósa para a "Revista de
Pernambuco"

Apreciemos a pintora

Helena da Rocha Monteiro

Temos uma pintora de São Paulo entre nós. Apreçie, mol-a Viva a lebanção

Faz esquecer desejo de stelar ao publico o julgamento de pintores par-tites dos plntores Cleherry, Domeryue e Pettit. De uma tão rica sub-stancia

Com uma surpresa espanta-da espalha-se a retina, sua quatro paredes daquela lma pinção e de uma sensibiltida, do que geralmente dormitu. Sonno de gato, olho fecho, não-fecha

Um ar gelado exchola-se-lhe das telas que são muito mui-to qorectas

Feliz pintora que procura attigir de tanta sympathia a sua obra, a cada um de seus acatolelados, se com a obser-vação puzada, sem o medo de colejar com o pechisheque. Suas indocções a pinceis de-mostrarão delectosamente. As imagens cuja presença o em-pulga, incarnam-lhe na vida com prociuos de nuances, desde seu gosto friste, desde as suas cinzas

A obra da pintora, en-tar as regras, fogu um bo-viunguim a liberdade E — pro-teptamos as regras

Um genero dá a impressa-da de passado quando não pegu em ninguem ou ninguém e comecce, quando lhe falta in-teresse. Dele, a obra

Pintura tal é, a expostora da Fulancia, a sua proporção distaça entre profisioantes

que ja não vão sendo familia-tes

Gauguin (ent: artista) trans-mittia a sua mystica da co-sua commoção de alumbra-mento ante largas paisagens, a quelinar de sua forte nature-za

A ara, Helena Pereira da Silva fazendo passar seu espí-rito às coisas, embrulha as coisas de sua emoção na sua própria imagem íntima — seu instintivo desejo de encon-trar-se nas linhas exteriores

Ella vive ligue-ligue na agui-ania de trabalhar nos seus prolongados momentos de ac-tividade esfregando seu pinceis sobre isto e aquillo; uma oc-casão seu quadro e um "Anjo branco", outra é "Roseta em flor", ora produz "Pierrelle", ora "Folhas secas", ora "Pi-errol", ora um "Fim de Ro-mance" e "Pecegos" e "Alas de Santo Antonio" e "Pece-gos e melares" e "Rosas palli-das" e "Rosas pallidas" e "Ro-sas vertidas"

Entretanto com todas essas qualidades sua obra abeira um convencido menos real que a real — em divergencia mui-talmente de Jean Paul Lau-rea com quem esteve como discipula; e de Bonnat; de Lhermitte que aprima com-fiel a sua sua relação de arte com o mundo

A "Natureza morta" em ex-posição no Salao de 1922, com a sua gralha é de vellu-

do, abre entre os demais oleos um como claro um céu que pretepsse

Em face das telas da ara Helena Pereira da Silva então sera no não licito condemnar aos que emveçam as fontes da conhecimento desdenha a seguir com resp-ito e estímulu o desenvolvimento da menta, lidade de cada um?

Esculpe-se o homem nas suas revelações para seu pro-prio conhecimento. E a arte concen-... a obra de cada um com a vida, da qual é a recorte

Não, será excusado cultivar o optimismo de desencascar em todo homem merectimento para se conhecido. Certas ha-que si pretendem chocar al-guma coisa de pessoal, teriam que chocar a própria sombra.

Escivoi claro e com pene-tração; não para "velu qui ne conyrad pas" do artigo em "O Caminho de Velludo", de Remy de Gourmont. Nem sempre e жало atravessar um assumpto violentamente por trilha em direitura, — calli-graphia a prelo e a branco, nunca e de fidalgos encher a uma critica de um espirito com humor de iratos

Aceitem em todo caso este dente de expreção, na que lhe sentirem a necessidade, entre aquellas paredes "flut-das de photographias cabri-las de linha tem-a logo um enorme desejo de sair de-pressa

VIDA DESPORTIVA



Equipes: BAMBAS (Cidade), São Carlos (Cidade), Atlético (Cidade), B. Gama (Cidade), Palmeiras (Cidade), Botafogo (Cidade).

[illegible]

O PROBLEMA RODOVIÁRIO

em dúvida um dos mais importantes aspectos da administração pública e em que se fez entre nós mais eficientemente este nosso quadricênio a obra que a realidade da governa-

ção atual foi devida ao per-
feto do governo, que o
das facimente detida
seu admirável plano de tra-

to de sua intelectual realidade.
De que tem sido de outubro de
1922 até hoje essa larga e sabida
política rodoviária dizem-nos de
modo o mais convincente os al-
tados de ordem res-
tante que passamos a submis-
e imparcial e criteriosa apre-
ciação de quantos se interessam
especialmente pelo nosso evolu-
to e interrompido traçado dos vários
e a aspectos da nossa civiliza-

ção atual governo do Estado.

cheio de certo e de outro rim
dele o dever de olhar com pa-
toilar interesse para a
tracção e perfeita conservação
das obras d'arte e das infra-
as pontes que servem as mu-
sas mais importantes entre elas de

se nos se trata propriamen-
trando e obra realizada pelo
públicas públicas nos últimos
prazo tempo a política rodoviária
reclama de uma firme vontade
e plenamente se desdobrar um
governo assim verdadeiramente
democrático, das graves complica-
ções assumidas para com a
colectividade que lhe põe na-
mos um dia a suprema direc-
ção dos seus destinos políticos
sociais e c.

E' desde modo que sem me-
ter em linha de conta as limi-
tações obras d'arte de certo vi-
do construídas neste quadricên-
io deixamos também a iniciativa
do governo do Estado a cons-
trução e as grandes reformas
das pontes e dos pontilhões que

de Barra de
deu sobre o riacho. (Guerre
deu n. 1 de 8 Manoel Idem n.
de Apertada Hora, Idem d.
Baldado, Idem de Tejuapapa,
Idem de Ribeira Fundo Idem d.
Lava-Pé, Idem sobre o riach.
Agua, passagem superior, ei
Marecos, pontilhão de Nani
Vani Idem n. 1 e n. 2 de Pra-
Idem n. 1 e n. 2 de Pra-
gros, Idem de Tomba, Idem d.
Caxala Idem de Canges, Idem
n. 1 e n. 2 de Canges, Idem d.
de um pontilhão, Idem d.
em Bom Conselho e Idem d.
mente, Idem para a construc-
ção do pontilhão sobre o riach.
Por esse extenso relatório que
o indispensavelmente documenta-
e subscreve a nossa afirmati-
vas de linhas gerais, vêdas que
tual governo do Estado pos-
serviço da mais conveniente
solução do nosso complexo pro-
blema rodoviário toda a sua ex-
tensão de modo, toda a
e a vontade todo o seu

de Barra de
deu sobre o riacho. (Guerre
deu n. 1 de 8 Manoel Idem n.
de Apertada Hora, Idem d.
Baldado, Idem de Tejuapapa,
Idem de Ribeira Fundo Idem d.
Lava-Pé, Idem sobre o riach.
Agua, passagem superior, ei
Marecos, pontilhão de Nani
Vani Idem n. 1 e n. 2 de Pra-
Idem n. 1 e n. 2 de Pra-
gros, Idem de Tomba, Idem d.
Caxala Idem de Canges, Idem
n. 1 e n. 2 de Canges, Idem d.
de um pontilhão, Idem d.
em Bom Conselho e Idem d.
mente, Idem para a construc-
ção do pontilhão sobre o riach.

Por esse extenso relatório que
o indispensavelmente documenta-
e subscreve a nossa afirmati-
vas de linhas gerais, vêdas que
tual governo do Estado pos-
serviço da mais conveniente
solução do nosso complexo pro-
blema rodoviário toda a sua ex-
tensão de modo, toda a
e a vontade todo o seu

A DOUTRINA DE FREUD E A LITTERATURA MODERNA

(Conclusão)

JOSE DE CASTRO

o termo genérico de
diálogo dentro da mente a
"Último dentro da mente"
torna-se diário.

A maioria espartana dos li-

dois trópicos do tempo e 1 de
como a vida, da morte.
esta está "barbata e clara" me-
lho de onde tenta de algo se
passo do Alimbrado" que já se
via Ronald e sechou "o caton-
re deos das línguas corais na
química", o corcovo contém o
los asphidias das avencadas o
laulho das machinas o u.
las usinas a reptilizar das irri-
tas o estalar das aboças o u.
mer das carnes de vida o u.
tallo desfilado das fadas o u.
rindo sendo das Rof fiores a
multitudinalização dos "cho-
lhos, a linha dos amos e o

o, esse sentimento que quer
pender seus sentimentos depra-
mar seus ideais que ficuloso,
dum!

acido o nosso processo in-
nosso continue nos propra-

Porque não deixar passar com
a beleza da integridade e a pu-
reza d'um reflexo "da natureza
rude, a impulsão primordial"
provam do anseio da soul ren-

Quão justo seria permitir!
se não o conspice o "Cen-
sór" do psiquismo procura-
do multiforme banhar com no-
asmitas de rhetor-
ca de mística e outras noções
de cosmologia lírica a reflexo
puro da natureza pulsante de
beleza insensível, de estagões
e phenomenos ainda mais in-
cristalizados

Baldado Intervenção da Van-
tole na formação da belleca
do genio

O genio bruta natural e bello
como o flu dante que sua os
troncos sillos pelos harranos

A tal respeito diz Uggil

enquanto a los rennos e
a que distintamente se
blegas e las englos escritas

m harranos "Como das
concepções "las medallas pu-
dem edificare para los rennos
edifican por si solos

Deus rennos que com o ul-
tímo da metryta la decollon e
as línguas selvagens de vida e la
durante psiquismo nos nos

mento em sonos molidos a fi-
a metryta de cerebros língas

E quem permite esta liber

dade da expressão e de expor-
ção das visões naturaes?

A litteratura "moderna" a
sua ideia fértil como nas
sola e com estas "libertas"
litterarias "que são o reflexo"
nosso terra incógnita, e a
"litteratura mal assumida de
que vem das nossas raizes pre-
tas e nativas do amor e
N. Glakour e adoradora a Ipeu
e o férreo a Tupan

Alinda mais estas contradi-
ções que traduzem bem a natu-
reza atrevida — fonte perenne
que é da eterna maravilha nos
contantes

Já é muito polo, e é diluio,
que fez a litteratura dos nossos
dias E preciso adaptar a cere-
bra ao meio

hem deve ao termino
com os palavras de Ronald
"o nosso livro de calceos"
e a terra aspera do língas

O SENADOR WASHINGTON LUIS EM PERNAMBUCO



Na tarde do mesmo dia 10 teve lugar uma excursão nos serviços de abastecimento d'agua da capital, em Garjalú. Nossos clichés representam, da esquerda para a direita, o lunch oferecido aos excursionistas, na residência do sr. deus o impello cinema, o superintendente das municipalidades de Garjalú, após a visita feita à represa e aos filtros.

Uma eleição

Luis Delgado

A eleição realizada, ante nos-
tra, que se chama de eleição,
é uma eleição estranha, e
de uma forma e significação
que fazem crer-se que nos
testamos de sermos eleitores em
do lado.

Vivemos nos grandes
ajustes mentais e ideológicos onde as
idéias tiram qualquer coisa.

Dr. Couracy de Medeiros sou-
be, por suas virtudes pessoais,
ficar perfeitamente ao próprio do-
lado de *Amor, Honra e* *Justiça*,
gente que discorda por sport.

unanimidade.

Passadas as largas épocas de

demagogismo sem razão de
matas reais transformarem-se,
hoje, em assembleias de homens
em que haja devida ordem,
nada de uma secha feita d
eleição espiritual. Nada d

triste situação em que
já se triste de
Atos, a serenidade

atitude é hoje o espanto dos
parlamentares de espírito mo-
derno. Essas predicções acom-
panham-se inevitavelmente por
remissão do homem interior

alocas e sobrias, — elegantes —
apparece nos gestos o mesmo

Alto característico de distinção
e superioridade.

Me em me tenho referido algu-
mas vezes para o

promover com moderação

uma causa que é o bem do

Se a puder um dia conseguir
a transformação dos congressos
barulhentos à democracia para o

— sempre um Dr. Couracy de Me-
deiros terá sido entre nós um
dos prodromos desse movimento

FIGURAS DE BRONZE

ARMANDO GOLLAT.

A praça publica é o cemitério
dos heróis.

Em que povo é hyperbola con-
stituída?

A praça publica é bem o lugar
em que os pré-heróis da Patria
Assomam naturalmente.

no nome vivo, ou in-
culpado no bronze imperitvel.

Toda patria tem o dever civi-
l de não deixar esquecer a im-
mortal dos heróis. —
laram a golpes de audácia, o
rom o sacrificio, às vezes, da pro-
priedade.

Cada povo vive do heróismo
ou da cultura dos seus filhos.
Os heróis são os

época em que viveu Pericles
dentado pela formosa de An-
drea, freddando até a virgilio
como um sem vergonha.

1. passados os annos, a figura
de heróis é a

helo do altissimo de uma patria
que conta na sua historia os no-
mes famosos de Homero, Euchi-
des e Agamenon.

A cidade de — esta collina —
reflete-se em nossos dias pelo
perido aureo de Augusto, o
Votum.

guerreiro, — em cujo reinado
floresceu, e imperou a arte mag-
nifica.

ludio, O dia e Oração sob o pa-
trocinio espiritual do Mecenas,
que se tornou lendario.

differente, perpetua-se no le-
se a Telles Junior, a Wandenkok,
e o Conselho João Alfredo, a

saídas do segundo império, que
na sua suprema e illimitada
abnegação pela rica soffredora,
curou as ultimas amarras
império, abandonando-o na can-
ciosa.

onde se quer, uma herma de
Antonio Philippe Camarão o in-
trepido guerreiro indiano, que

pela sua suprema heura mae-
nou os fôros de fidalgo?

Onde um humilto humilde de
— o nobre magro,
que depois de ter uma das mãos
despedada na pelva, continuou a

Pernambuco esqueceu-se bem
depressa, mas a batalha dos
Guaratapés ainda perdura na
memoria das gentes como um dos

Camarão foi o Achilles e Hen-
rique Dias o Patrocla — nossa li-
tudi

Abraçamos-nos de falar nos
bravos da Revolução Republica-
na, e em especial as
glorias de José Martins, In-
migos Teotônio e João de
Barros Lima, — "Leão corado",
com os rubros bellissimos de um
redemptor humilde.

— o nobre guerreiro e o
Andrade, que n'um gesto oua-
do de rebeldia proclamou a "Con-
federação do Equador".

R o Desembarcador Joaquim

Nunes Maranhão —
a vida o feio —
ser livre?

— o nobre magro,
a memoria de uma valorosa.
O genio e o herde não têm

tudo pertencem os seus feitos a
a sua Arte

Paris glorificou o Apolo dos
"Lusadas"; Roma o artista in-
— o nobre magro, —
de Janeiro a Eça de Queiroz

Glorificamos, pois, os nossos
heróis, —
vindolos.

Frei Caneca, José Mariano
João Alencar

do povo.
Que se levantem esses monu-
mentos de marmore ou de pedra,
mas como exemplo eterno de qui-
como prelo de venera

Esqueçamos os rumores
propaganda em torno da Max
Prestes", glorificando antes, os li-
bertadores da raça
E a nossa missão

O
SENADOR
WASHINGTON LUIS
EM
PERNAMBUCO

[illegible]

TABLE 4. The
 1990-1991
 1992-1993
 1994-1995
 1996-1997
 1998-1999
 2000-2001
 2002-2003
 2004-2005
 2006-2007
 2008-2009
 2010-2011
 2012-2013
 2014-2015
 2016-2017
 2018-2019
 2020-2021
 2022-2023
 2024-2025
 2026-2027
 2028-2029
 2030-2031
 2032-2033
 2034-2035
 2036-2037
 2038-2039
 2040-2041
 2042-2043
 2044-2045
 2046-2047
 2048-2049
 2050-2051
 2052-2053
 2054-2055
 2056-2057
 2058-2059
 2060-2061
 2062-2063
 2064-2065
 2066-2067
 2068-2069
 2070-2071
 2072-2073
 2074-2075
 2076-2077
 2078-2079
 2080-2081
 2082-2083
 2084-2085
 2086-2087
 2088-2089
 2090-2091
 2092-2093
 2094-2095
 2096-2097
 2098-2099
 2100-2101
 2102-2103
 2104-2105
 2106-2107
 2108-2109
 2110-2111
 2112-2113
 2114-2115
 2116-2117
 2118-2119
 2120-2121
 2122-2123
 2124-2125
 2126-2127
 2128-2129
 2130-2131
 2132-2133
 2134-2135
 2136-2137
 2138-2139
 2140-2141
 2142-2143
 2144-2145
 2146-2147
 2148-2149
 2150-2151
 2152-2153
 2154-2155
 2156-2157
 2158-2159
 2160-2161
 2162-2163
 2164-2165
 2166-2167
 2168-2169
 2170-2171
 2172-2173
 2174-2175
 2176-2177
 2178-2179
 2180-2181
 2182-2183
 2184-2185
 2186-2187
 2188-2189
 2190-2191
 2192-2193
 2194-2195
 2196-2197
 2198-2199
 2200-2201
 2202-2203
 2204-2205
 2206-2207
 2208-2209
 2210-2211
 2212-2213
 2214-2215
 2216-2217
 2218-2219
 2220-2221
 2222-2223
 2224-2225
 2226-2227
 2228-2229
 2230-2231
 2232-2233
 2234-2235
 2236-2237
 2238-2239
 2240-2241
 2242-2243
 2244-2245
 2246-2247
 2248-2249
 2250-2251
 2252-2253
 2254-2255
 2256-2257
 2258-2259
 2260-2261
 2262-2263
 2264-2265
 2266-2267
 2268-2269
 2270-2271
 2272-2273
 2274-2275
 2276-2277
 2278-2279
 2280-2281
 2282-2283
 2284-2285
 2286-2287
 2288-2289
 2290-2291
 2292-2293
 2294-2295
 2296-2297
 2298-2299
 2300-2301
 2302-2303
 2304-2305
 2306-2307
 2308-2309
 2310-2311
 2312-2313
 2314-2315
 2316-2317
 2318-2319
 2320-2321
 2322-2323
 2324-2325
 2326-2327
 2328-2329
 2330-2331
 2332-2333
 2334-2335
 2336-2337
 2338-2339
 2340-2341
 2342-2343
 2344-2345
 2346-2347
 2348-2349
 2350-2351
 2352-2353
 2354-2355
 2356-2357
 2358-2359
 2360-2361
 2362-2363
 2364-2365
 2366-2367
 2368-2369
 2370-2371
 2372-2373
 2374-2375
 2376-2377
 2378-2379
 2380-2381
 2382-2383
 2384-2385
 2386-2387
 2388-2389
 2390-2391
 2392-2393
 2394-2395
 2396-2397
 2398-2399
 2400-2401
 2402-2403
 2404-2405
 2406-2407
 2408-2409
 2410-2411
 2412-2413
 2414-2415
 2416-2417
 2418-2419
 2420-2421
 2422-2423
 2424-2425
 2426-2427
 2428-2429
 2430-2431
 2432-2433
 2434-2435
 2436-2437
 2438-2439
 2440-2441
 2442-2443
 2444-2445
 2446-2447
 2448-2449
 2450-2451
 2452-2453
 2454-2455
 2456-2457
 2458-2459
 2460-2461
 2462-2463
 2464-2465
 2466-2467
 2468-2469
 2470-2471
 2472-2473
 2474-2475
 2476-2477
 2478-2479
 2480-2481
 2482-2483
 2484-2485
 2486-2487
 2488-2489
 2490-2491
 2492-2493
 2494-2495
 2496-2497
 2498-2499
 2500-2501
 2502-2503
 2504-2505
 2506-2507
 2508-2509
 2510-2511
 2512-2513
 2514-2515
 2516-2517
 2518-2519
 2520-2521
 2522-2523
 2524-2525
 2526-2527
 2528-2529
 2530-2531
 2532-2533
 2534-2535
 2536-2537
 2538-2539
 2540-2541
 2542-2543
 2544-2545
 2546-2547
 2548-2549
 2550-2551
 2552-2553
 2554-2555
 2556-2557
 2558-2559
 2560-2561
 2562-2563
 2564-2565
 2566-2567
 2568-2569
 2570-2571
 2572-2573



A POESIA DOS INCULTOS

A LUCILO VAREJÃO

PEREIRA D'ASSUMPÇÃO

A poesia é o povo e o povo
é o povo e o povo é o povo
é o povo e o povo é o povo
é o povo e o povo é o povo

O
SENADOR
WASHINGTON
LUIZ
FIM
PERNAMBUCO



1 - Um grupo
de oficiais da
polícia de
Pernambuco
na hora
da sua
passada
pela cidade
durante
a sua
visita ao
Estado
de Pernambuco
em 1911.



2 - Um grupo
de oficiais da
polícia de
Pernambuco
na hora
da sua
passada
pela cidade
durante
a sua
visita ao
Estado
de Pernambuco
em 1911.

"NUESTROS ESCRITORES"

"Ricardo Gutierrez"

(Especial para La Revista de Pernambuco).

Porque tendremos que hacer mano tumbas veces a este hermoso libro de Luis de Camara (seudónimo, titulado) "Yo!" donde tan serena y parcamente se habla de nuestros escritores, y entre ellos — claro es — de Ricardo Gutierrez?

A de parecer, pues un poco cansador para el que lee mis crónicas, pues encontrará, un escaso bagaje de conocimientos en obras, que de materias de critica se refieren...

Pero, la culpa no es mia, que, cuitado de mi, no poseo, ni amplio biblioteca, ni me sobra el dinero para libros, que a lo mejor, resultan incógnitas. Eso lo dejo para criticos, o cronistas, de gran erudición, porque está mal metido en otro ajeno.

La obra de Camara Cacuado, se ajusta a un principio, que fué la estética de toda mi vida antes que científicamente explicación.

De nada vale, que el critico quiera hacer comparaciones, más o menos acertadas, subando un clásico con un contemporáneo, cosa que no es posible comparar porque cada uno, vivió su época, y consultó su corazón o su cerebro. Así pues, como de pura y honda emoción trata la semblanza que Camara Cacuado hace de Ricardo Gutierrez en el citado libro, cuando leyó "La Ciudad en Ruinas" la primera obra poética del autor aparecida, en plena madurez del hombre al traves de la vida, y de las emociones.

Este sim, a un poeta de su tiempo. No disminuyó su resonancia tendenciosa para ser notado e lido? Hece así el autor de "Yo!".

Y, en esto presente es donde quiero tener un capitulo para hablar de Ricardo Gutierrez y su última obra "La Flecha en el Vacio".

Este libro tiene un extraño aroma de recuperación de estado, la naturaleza es mansa y el cielo es claro y tranquilo, como en los cuadros de Corot.

La niebla, algunas ocasiones pone un telón de añoranzas... y el poeta, llora y recuerda los momentos de la duda, y de la acción... La palabra, nace como el primer lamento del niño, queda, y profunda para nuestra vida.

No blasfema, ni se conduce del pasado, ni le importa el pasado ni el presente. El poeta, canta la hora crítica de la fé y de la serenidad, que esa es en realidad, su alma, para todos los actos de su vida.

El que piense encorchar la letanía aburrida y pesada, de ese lirismo santarin, o de esa tristeza que conduce al crimen o a la desesperación, que se suele encontrar en otros poetas del presente, que tome por otro sendero.

Todo en Ricardo Gutierrez, responde a un convencimiento, a una finalidad, no filosófica — pues eso está fuera de época — si no íntima, arraigada, completa con su yo. El que imagine, que la poesía de Ricardo Gutierrez es un pedernal, pronto a dar chispa, cuando toque la piedra, es digno de que se tenga compañía por su ingenuidad... Pobre lector, que te agencias de un libro de versos, con la ilusión de distraerte con su música!

Hien está eso, para poetas, como, Luxonas y como Santos Chirinos, que perdieron el alma, y la lógica, por amordarse a las épocas, o a las gentes... Pero también, para quien el verso sigue siendo sagrado y poderoso, como obra de Dios y de los siglos.

Parce mentira, en la desgracia, que un libro abominable en que

cayó la poesía de hoy, en Argentina, Poetas hay, que seria necesario buscarlos y cortarles la cabeza, como en tiempos de Robespierre.

Sin compañía alguna decapitarlos para, no envenenar, al santo ropón donde esta la sangre de Cristo.

El que toma la poesía en broma, y se hace pasar por poeta serio, demuestra no tener hombría, ni dignidad lógica en la vida, y es por lo tanto, un invertido que hay que enterrarlo cuanto más pronto sea posible. Y por desgracia, Buenos Aires, está repleto de esa peste maldita.

Jamás, aparecerán más libros de poesías, nunca tan malos, y claro es siente al corazón, un desahogo infinito, cuando mira el basmado interes de esos salapagos. Bendito sea, el libro que llega de tarde en tarde como este de Ricardo Gutierrez, "La Flecha en el vacío".

No, un critico cualquiera, no puede hablar de la personalidad de Ricardo Gutierrez. Un Julio Noé, un Torrendell, un Juan de los Palotes, no puede en fin ni saber lo que significa el pie de imprenta. Se necesita para eso una cultura proxima a las lágrimas.

En Ricardo Gutierrez, ~~hombría~~ puede hacer critica didáctica, ni psicologica. Solo se quede hacer un examen de una profundidad filosófica formidable. Filosofía de bonzo, de trinitario, de eremita, de hombre de las calaveras es imposible, ~~hacer~~ en su obra, haciendo comparaciones, y citando textos.

No los precorremos, ni hay ~~superiores~~ solo hay, poesía y amor de humanidad.

"Nieve sobre la frente que inclina y venciéndose se aparta de un inútil dolor de las aspiraciones, nieve sobre la vida, nieve sobre los ojos inesperada y turba sobre los entrazones."

No cito más, tendría que copiar todo el libro, pero eso seria imposible.

Es necesario que el joven lector brasileño penetre en un desti y trate bajo todo punto de vista de leer "La Ciudad en Ruinas" y este reciente ton "La Flecha en el Vacío" para que sepa de la profundidad y del respecto, que merecen los grandes poetas de la Argentina que modestos y serenos en su sencillez y su grandeza, no por eso, valen más, esos cuantos liroreros mudantes, que se titulan así mismo "Los mejores Poetas de América".

Oh, caro y noble hermano mio de esa hermosa tierra brasileña, como quisiera que comprendieras mis palabras llenas de íntima emoción y de verdadera verdad para que id, extrajeres a tu corazón, y sintieras como yo siento.

Jamás, traicionas las ilusiones de nadie, así pues, te invito a ilustionarte de sentimiento, y a que pienses que hay en nuestras almas, algo más hondo y puro, que esa moral de práctica, que nos enseñan los exponentes, y eso para que bien, todo lo grande y noble que hay en el poeta Ricardo Gutierrez.

Hien dice Enrique González Tuñón, "La Flecha en el Vacío" "lo en el blanco".

R. SANCHI-ZAIZ

Buenos Aires, junio de 1924



A nossa embaixada universitária

OSWES CARNEIRO

Dentro de poucos dias, estarão os estudantes brasileiros de viagem a Europa.

Vão retribuir a honrosa visita que lhes fizeram, o anno passado, os seus dignos collegas de Portugal. Vão levar os agradecimentos dos estudantes brasileiros aos estudantes portugueses.

Não se trata, apenas, de mérita retribuição de gentilezas. É precho fortalecerem-se os laços de amizade que prendem a moridade estudiosa das duas patrias irmãs e amigas.

E para afeirmarmos o nosso agradecido reconhecimento pelo amplexo que fraternalmente nos vieram trazer, não divisiámos outro meio mais coerente do que irmos, também, até lá, abraçá-los.

Para isso, resolvemos arrebanhar alguns moços das nossas Escolas Superiores, de comprovado merito, e enviá-los como mensageiros da intellectualidade acadêmica brasileira.

Esse punhado de jovens representantes das classes estudiosas do Brasil, está incumbido de dizer aos estudantes de Lisboa e de Coimbra da imensa alegria, do vivo entusiasmo, que acordou em nossos corações aquella visita dos queridos irmãos da outra banda do mar. Deverão salutar da alta significação moral e intellectual d'essa aproximação por elles idealizada, num largo gesto de distinção e cortesia.

Impressão mais saudavel e mais confortadora não nos poderia deixar aquella rapazada expansiva e jovial das duas Universidades portuguezas.

Parece que foi hontem. O laço apinhava-se de estudantes e curiosos. Queriamos ver como era o estudante português. Principalmente o Coimbrense, cuja vida tumultuosa conhecemos através das referencias de brasileiros e portugueses que lá estudaram.

Ansiavamos por abraçar os alumnos da celebre Universidade de Coimbra, de onde saíram os espiritos mais lucidos e penetrantes de Portugal de todos os tempos.

Queríamos contemplar com os olhos da intelligencia e do coração os levilimos cantinadores das sinuosas tradições dos seus maiores. Daquelles que brilharam pelo talento. Daquelles que se distinguiram pelo fulgor do génio.

Ainda não haviam descido barrado, quando chegámos ao Caes. E já o povo rompia em rivas estrepitosas, e aclamações delirantes. E elles, da amurada do navio, fazendo agitar as capus negras, agradeciam, com toda a expansão d'alma, as manifestações que lhes tributava a novidade do Brasil.

Por deferencia á commissão dos nossos estudantes, foi-nos dado o privilegio de sermos os primeiros a tratar com os visitantes.

Foram quinze minutos da mais intensa cordialidade. Trocavam-se os abraços. Emergiam-se vivas aos estudantes das dois países. Palmas vibrantes ecoavam incessantemente. Em dado momento, fez-se silencio. Jam falar os porta-vozes dos visitantes e visitados.

Foi então que eu tive a ventura de ouvir a palavra fasci-

nante de Angelo Cesar. Attitude nobre e insinuante. Voz segura, forte, melo afilantado, a desse poeta e orador. E o seu discurso, todo elle repleto de aquelle lyrismo luctuoso, foi um verdadeiro hymno de amor e de fraternidade.

Depois, em lugares diversos, ouvi a outros oradores da Embaixada. Todos me agradaram; nenhum, porém, como Angelo Cesar. Continuou-me ante a vibração de sua alma delicada de artista. Da Universidade de Lisboa, destacou Britto Aranha.

Mora os oradores havia outros moços de incontestavel valor.

De tratamento fidalgo, maneiras distinctas, por demais expansivos, os que constituiram a phalange gloriosa de embaixadores que a lendaria Universidade de Coimbra mandou ao Brasil.

E não menos brilhante foi a embaixada de estudantes de Lisboa.

Agora, decorrido um anno, apresentamo-nos a retribuir e agradecer aos nossos illustres visitantes, aquella tão dignificante prova de consideração e de amizade. E' bem louvavel essa attitude nossa.

Os meus votos são para que os estudantes do Brasil se compenentrem da pacifica responsabilidade que lhes cabe no momento, e se esforcem por dignificar o nome de nossa patria, não só pelo lado da cultura mental, mas tambem sob o aspecto de vista moral.

Ide, e abraçai, em nome da moridade ardente do Brasil, a moridade rutilante de Portugal!

BÔA -VIAGEM

A AVENIDA BEIRA-MAR



A Avenida Beira-Mar continua a ser o ponto predilecto da população recifense. Nos domingos sobre-tudo, uma verdadeira multidão põe lá a se transportar, em bondes e automóveis, para gozar as delicias da vida marinha.

V' notarem da grande arte de sempre, em construccao, novos predios, sempre bellos, como os que illustram esta pagina.



O SENADOR WASHINGTON LUIS EM PERNAMBUCO



Um grupo de pessoas, incluindo o Sr. Washington Luis, em uma reunião no Palácio da Assembleia Legislativa, em Pernambuco, durante sua visita ao Estado.

O problema da lingua

luso-brasileira

Emílio Schwendigen

[The body of the article is extremely faded and illegible. It appears to be a multi-column text, likely containing a detailed discussion on the linguistic relationship between Portuguese and Brazilian Portuguese.]

A QUESTÃO MONETARIA NO BRASIL

ASPECTO MORAL DA ESTABILIZAÇÃO CAMBIAL

Examinemos este aspecto com cuidado, para ficar bem esclarecidos.

A moral nacional não é diferente da moral individual; mas, as regras daquella são mais suaves do que as destas. Na moral individual, quer a sanção social, por immediata, quer a geral por efficiente, tornam-se mais severas. Falamos neste caso a luz da moral individual, mais rigorosa, visto que a nossa terra precisa resolver os seus negocios, de pé, de cabeça erguida, com o respeito de todos.

A fallencia ou quebra, existia para os commerciantes; como a insolvabilidade para os devedores civis. A vida commercial é, porém, deliçada e cuidadosa; as causas da fallencia são numerosas e as suas consequências são muito e muito mais duras, que as da insolvabilidade.

Os fallidos ficam inhabilitados de exercer a profissão, de administrar os seus bens, e, conforme os casos, privados ficam até da liberdade, etc., etc.

E a degradação do commerciante.

Aplicaremos os seus rigidos principios ao caso do Brasil.

Characteriza-se o estado de fallencia, quando um commerciante deixa de pagar as suas dividas commerciaes. Todo o commerciante que cessa os seus pagamentos, entende-se fallido ou quebrado.

São as regras do nosso Código Commercial, de todos os códigos estrangeiros, são principios de direito universal.

Com a modifier, augmentando em réis o valor da cotação de ouro, cessa o Brasil seus pagamentos?

Si alguém disser que sim, ha de concordar então, que se encontra o Brasil em estado de fallencia desde 1833, e mes-

mo já vinha em fallencia desde Reino Unido, desde colonia, com a Alvará de 13 de maio de 1803, agravado violentamente em 1846, pois que, em todos esses annos, se modificou o valor da réla de frente da oitava de ouro.

Mas, ninguém, de bom senso, mesmo com minguada cultura jurídica, ousará responder affirmativamente.

Cessação de pagamentos houve, sim, quando não se pagou em ouro aquillo que se promettera pagar em ouro. Não pagar na especie conventionalizada é não pagar.

No dia em que se suspendeu o pagamento em ouro, no dia em que se estabeleceu o curso forçado do papel-moeda, não é a que a moeda ouro, com valor proprio, intrinsicamente valendo no mundo inteiro, conforme o seu peso, foi substituída por títulos de dívida, sem juros e sem vencimentos como são as notas inconvertíveis do Thesouro do Banco, foi nesse dia que se caracterizou o estado de fallencia. Nesse estado se encontram todas as nações europeas, após guerra; nelle ainda se conservam multas e das mais nobres e das mais respeitáveis.

Querem alguns, os que amam marcar no tempo precisamente os acontecimentos, que tivesse sido a lei numero 34, de 6 de outubro de 1835, que tivesse estabelecido entre nós o papel-moeda de curso forçado, quando mandou substituir as notas inconvertíveis do Thesouro as notas do Banco do Brasil, na importância que a este estabelecimento ficava a governo devendo.

Acham outros, porém, que este papel-moeda inconvertível ainda é anterior, porque a lei de 1835 apenas regulou a situação monetaria do país, já reconhecida na lei de 1.º de

junho de 1833, situação creada pela circulação do cobre e das notas do antigo Banco do Brasil, na forte phraseão expressa de Pedro I, moeda toda ella fiduciaria, inconvertível, com curso forçado, decaída da fundação do Banco do Brasil, em 1808.

O estado de fallencia seria, não entre nós, bem antigo; mas que antigo, chronico; mas que chronico, seria organico, congenital. Mas, se todas as nações europeas estiveram, e muitas ainda estão, com curso forçado de notas inconvertíveis; si, pois, nellas houve cessação de pagamentos; si, em todas, se caracterizou o estado de fallencia, porque da situação geral fazer, só para nós, crime vergonhoso e repulso? E, mais, se ha tanto tempo nos enconstramos nós nesse estado, por que só agora é elle denunciado como descoberta nova? Porque, justamente no momento em que nos devemos esforçar para dellescahir, se procura tal impudico em vozes mendazes, em nome da moral, mettendo nos ruelas com a reputação que quebra de padrão, associando-nos com fallencia e com fallencia fraudulenta?

Durante toda a sua existência — Brasil reino, Brasil império, Brasil república — o papel circulante, cobre ou papel, foi sempre inconvertível. Foi sempre o papel-moeda de curso forçado.

A não serem as notas da Caixa de Conversão em quantidade limitada, ao lado da circulação inconvertível, e já todas crecidas; a não serem em raras e futuras moedas, as do papel bancario, ao lado do inconvertível, e logo também inconvertível, sempre o papel-moeda brasileiro foi sempre o papel-moeda inconvertível.

A QUESTÃO MONETARIA NO BRASIL

ASPECTO MORAL DA ESTABILIZAÇÃO CAMBIAL

Não foi necessario no Brasil decretar o curso forçado para as suas notas; ao entrar na sua vida de nação, já o encontrou e sempre o manteve. Quer isso dizer que nunca o Brasil teve a circulação ouro ou papel trocável por outro à vista e sem limitação de quantidade.

Essa, legítima, a sua situação monetária. De facto, da leitura das notas emitidas pelo Thesouro brasileiro se fica sabendo que jamais este recebeu ou emittiu ouro, jamais se obrigou a restituir em ouro o valor que, em ouro, nunca recebeu.

Todas as notas do Thesouro, mesmo as mais antigas, até onde se podem encontrar, nos quadros ou nos guardados dos colleccionadores todas actuaes, que substituíram as anteriores, e que andam em circulação, não mencionam ouro recebido, ou ouro a entregar.

Todas ellas dizem simplesmente: *Republica dos Estados Unidos do Brasil, No Thesouro se pagará ao portador desta a quantia de 000\$000, (1) valor recebido.*

As propria notas do Banco do Brasil rezam: *Banco do Brasil, No sede do Banco do Brasil se pagará, ao portador desta, de accordo com a lei n. 4.635, de 8 de janeiro de 1925, a quantia de 000\$000.*

A lei, ali referida, incumbiu ao banco a conversão do papel moeda em ouro, ao cambio de 12 pence, desde que essa taxa se conserve effe durante dois annos consecutivos, condição irrealizada, e inrealizável, exprimindo apenas o desejo patriótico da conversão.

Ha ali indicação de uma chamada contractual, à vista de favores recebidos, e para mais uma chamada quebra de padrão, e não declaração de

ver recebido ouro do portador, ou dos seus antecessores.

Essas notas são os titulos de dívida, pertencentes aos portadores, e estão de accordo com as leis que os autorizam.

A verdade é que o estudo minucioso das nossas leis sobre circulação, sobre padrão sobre papel moeda; exame attento dos factos dellas decorrentes convencem que jamais o Brasil assumiu a obrigação de dar determinada quantidade em ouro a troca das notas emitidas; que jamais, nos seus contractos, declarou que restituiria os reis, que emittiu em ouro de 24 pence. (2)

A lei n.º 401 de 11 de setembro de 1846, não modificou a circulação monetaria do país, inconvertível desde os primeiros dias da independência, e mesmo antes desta. Essa decantada lei do padrão de 27 pence manteve a circulação do papel moeda inconvertível; não criou padrão, nem instituiu a circulação metálica.

Apenas marcou ella em mais alguns reis o valor por que seriam recebidas, nas Estações publicas, as moedas de ouro de 22 quilates, convencioando ali 48000 por oitava.

Mas, 48000, em papel moeda, não é valor. O valor, sim, tem a oitava de ouro, por si só, intrinsicamente. O que nessa lei se estabeleceu, e arbitrariamente, foi a relação entre a oitava de ouro de 22 quilates e uns tantos mil reis; foi nella dada uma regra de cambio que aliás, nunca foi obedecida, pois que variou sempre, desde esse dia, até hoje. Podem os decretos dar a uma oitava de ouro o nome que quiserem, com mais ou menos reis, com mais ou menos letras ou syllabas, pouca importancia representará, si não possuir o respectivo paiz a oitava

de ouro; porque, o que, repetamos sem fadiga e sem fadurar, é a oitava de ouro, isto é, um conhecido e certo peso desse metal, cujas qualidades o fazem apto para moeda e para outros misteres industriaes e artisticos.

As questões de dinheiro, de moeda, só se resolvem com dinheiro, com moeda; só as resolvem quem tem o dinheiro, quem tem moeda.

O Brasil sempre viveu no regimen do papel moeda. Não suspendeu jamais, o troco em ouro de suas notas, porque jamais fez tal troco. Não ceasou jamais pagamentos, porque sempre os fez na mesma especie, inconvertível.

E' improcedente, pois, a ameaça de fallencia, e muito menos de fallencia fraudulenta.

A verdade inteira é que não tivemos ainda moeda, no sentido de circulação metálica, convertível, nada importando algumas cunhagens feitas e logo desaparecidas, joias e ourivesaria, enriquecer as quadras de numismatica.

E quem não tem moeda, não tem padrão. Temos feito muito barulho a respeito do que não existe.

O cambio, entre paizes de moeda convertível, é, todos o sabem, a relação do valor entre essas diversas moedas, de valor intrinseco, conforme a especie e quantidade de metal fino (titulo) da liga, do peso, que ellas têm em comparação umas com as outras.

Nos paizes de circulação inconvertível, como o nosso, o cambio é a relação do valor entre o dinheiro de um desses paizes, e a moeda ouro, padrão mundial.

Até pouco, esse padrão ouro foi incontestavelmente o dinheiro ingez, a libra esterlina ouro, o seu submultiple, o penny, em Londres. Deslocou-se elle durante algum tempo, para o dollar, dinheiro america-

A QUESTÃO MONETÁRIA NO BRASIL

ASPECTO MORAL DA ESTABILIZAÇÃO CAMBIAL

(Concluído)

no, em Nova York. Como quer que seja, é em Londres, é em Nova York que está o padrão ouro pelo qual se afere o valor das outras moedas, das notas, quando se queira trocá-las, quando se tenha necessidade de fazer o respectivo cambio.

Dahi decorre para nós, sem circulação metálica, sem moeda ouro, não termos padrão.

É uma verdadeira obsessão de palavra, é a suggestão hypnotica produzida pelo ponto brilhante diante dos olhos, enxergar na paridade de 27 pence por mil réis o padrão monetário brasileiro.

É o círculo de carvão traçado em roda do peru, que o imobiliza, e o matará na inanição.

Objectam que não é a golpe de decreto que se estabiliza o cambio, a relação da troca entre o ouro e o papel, e, entretanto, clamam pelo cambio de 27, fora do qual tudo é deshonesto.

Mas, 27, como paridade, existe por golpe de decreto; essa equivalencia não é outra coisa senão determinação da lei de 1846. Já foi ahí uma quebra de padrão, acrescentum. Mas o anterior, de 43 1/2, fora também fixado pelo decreto de 1832. O outro, o mais antigo, de 67 1/2, foi outro golpe de decreto, o Alvará de 13 de maio de 1803.

Tudo o que existe entre nós, na materia monetaria, é golpe de decreto.

É esse é o mal.

Por isso mesmo que não se fixam os valores por decreto, é que não tem importancia a paridade de 27 pence, determinada pelo decreto de 1846.

Jamais o cambio, o valor do nosso dinheiro, se sujeitou a esses decretos, sempre oscillou a baixo e acima da quantidade nelles marcada. Si isso é verdade, como, pois, para a converção do papel insubmissa,

converção indispensavel para a nossa restauração financeira, querem submettel-o ás ordenanças de decretos, como o de 1846?

É illogico.

E converção é indispensavel e deve ser feita na taxa que mais convenha aos interesses do Brasil.

A palavra de honra empenhada pelo Brasil será cumprida: a boa fé dos contractos será rigorosamente respeitada.

As dividas publicas externas, affiançadas na Constituição Republicana, continuarão a ser pagas religiosamente, até final embolso, de accordo com os contractos, em libras esterlinas, á Inglaterra, em dolares americanos nos Estados Unidos, em francos á França, em florins á Hollanda.

A divida externa em ouro será paga, conforme a especie e as condições contractadas. Os recursos financeiros, para tal fim, são encontrados nos impostos alfandegarios, arrecadados em ouro, nos termos das leis nas 360 de 31 de dezembro de 1898, e 4.625, de 31 de dezembro de 1922.

Da mesma forma, as dividas publicas internas contrahidas em papel, serão pagas integralmente, e na sua totalidade, em papel, com a differença, apenas de ser esse papel conversivel em ouro.

O padrão monetario, no Brasil, estabeleceu apenas a relação entre a oitava de ouro, com valor intrinseco e os réis, nome adoptado para entre nós designar uma moeda convencional, fiduciaria. Nunca regulou ou pretendeu regular as transacções externas, isto é, as de povo a povo, ou as de particulares desta terra com os particulares de outras terras.

Foi elle instituido tendo em vista o interesse publico interno, como, aliás, em toda par-

te onde haja um povo independente, organizado e conscião dos seus direitos, de seus deveres e de seus interesses, para servir, em dado momento, ás necessidades financeiras do paiz e ás transacções dos particulares entre si. E foi por decretos e leis do poder publico competente, directo representante do povo brasileiro, que vale dizer no nosso regime, que foi instituido pelo proprio povo brasileiro. E' obra, por consequencia, do povo brasileiro feita por si e para si e sobretudo para si. Não pode e não deve o paiz, manter leis ou decretos que não atendam aos seus interesses. Sendo juridicas e moraes, a instituição e modificação do padrão, deve o povo brasileiro estudá-las á luz dos seus interesses legitimos e resolver conforme aconselharem taes interesses respeitaveis.

A reforma, entretanto, deve ser executada, de modo a não causar perturbacões financeiras nem modificar as actuaes condições economicas.

Ahi se caracteriza o aspecto utilitario da reforma monetaria.

Deu-se, com mil réis a impressão
das, na integra, a lei n.
101 de 11 de setembro de 1846
chamada do padrão. "Artigo 1.^o
De 1.^o de Janeiro de 1847 em
ou antes, si for possivel
serão recolhidas, nas Estações
das moedas de ouro de
na taxa de 48000
das de prata, na ra-
verno determinar.
Se terá lugar nos
entre particulares
O governo é aucto-
rizar da circulação a
moeda, que fór
para elevá-lo ao valor
anterior, e nelle
e, para este fim, po-
gar as obrigações de cre-
que forem indistinctas
— Serão observadas
des sobre pacamen-
— Ficam revoga-
das as contra-

CAIXA ECONOMICA DO ESTADO

As Profissões no movimento desse instituto popular, de previdencia

Como a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, tem a honra de ser a primeira do Brasil, o movimento da Caixa Econômica do Estado que inaugurou a Caixa Econômica do Brasil, em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Em 1911, a Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, fundada em 1911, com o nome de Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, é de grande importância para a história da previdência social no Brasil.

Caixa Econômica do Estado de Pernambuco, inaugurada em 1.º de agosto de 1925

DO MONSTRADO ESTATÍSTICA POR PROFISSÕES, E SEXOS, DOS DEPOSITANTES NA CAIXA MATRIZ E SUAS AGÊNCIAS, DURANTE O 1.º ANNO DE FUNCIONAMENTO

PROFISSÃO	DEPOSITOS										POR SEXOS				TOTAL		INDIVIDUAIS				COLECTIVOS	
	CAIXA MATRIZ		AGÊNCIAS		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		MASCULINO		FEMININO		TOTAL		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias	Depositos	Importâncias
Advogados	5	24.526.000	0	0	5	24.526.000	5	24.526.000	0	0	5	24.526.000	0	0	5	24.526.000	5	24.526.000	0	0	5	24.526.000
Agricultores	4	15.110.000	0	0	4	15.110.000	4	15.110.000	0	0	4	15.110.000	0	0	4	15.110.000	4	15.110.000	0	0	4	15.110.000
Artistas	4	6.741.000	0	0	4	6.741.000	4	6.741.000	0	0	4	6.741.000	0	0	4	6.741.000	4	6.741.000	0	0	4	6.741.000
Artesãos	1	2.711.000	0	0	1	2.711.000	1	2.711.000	0	0	1	2.711.000	0	0	1	2.711.000	1	2.711.000	0	0	1	2.711.000
Comerciantes	25	142.200.000	1	10.000.000	26	152.200.000	26	152.200.000	0	0	26	152.200.000	0	0	26	152.200.000	26	152.200.000	0	0	26	152.200.000
Corporações	6	135.765.000	1	15.100.000	7	150.865.000	7	150.865.000	0	0	7	150.865.000	0	0	7	150.865.000	7	150.865.000	0	0	7	150.865.000
Funcionários Públicos	1	20.000	0	0	1	20.000	1	20.000	0	0	1	20.000	0	0	1	20.000	1	20.000	0	0	1	20.000
Industriais	52	49.322.000	2	400.000	54	49.722.000	54	49.722.000	0	0	54	49.722.000	0	0	54	49.722.000	54	49.722.000	0	0	54	49.722.000
Medeiros	6	10.172.000	0	0	6	10.172.000	6	10.172.000	0	0	6	10.172.000	0	0	6	10.172.000	6	10.172.000	0	0	6	10.172.000
Milhares	128	183.200.000	0	0	128	183.200.000	128	183.200.000	0	0	128	183.200.000	0	0	128	183.200.000	128	183.200.000	0	0	128	183.200.000
Professores	14	20.222.000	0	0	14	20.222.000	14	20.222.000	0	0	14	20.222.000	0	0	14	20.222.000	14	20.222.000	0	0	14	20.222.000
Sacerdotes	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1925	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1926	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1927	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1928	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1929	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1930	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1931	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1932	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1933	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1934	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1935	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1936	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1937	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1938	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1939	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1940	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1941	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1942	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1943	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1944	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1945	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1946	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1947	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1948	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1949	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1950	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1951	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1952	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1953	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1954	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1955	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1956	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1957	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1958	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1959	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1960	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1961	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1962	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1963	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1964	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1965	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1966	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1967	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1968	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1969	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1970	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000
Somente de 1971	1	1.500.000	0	0	1	1.500.000	1															

Rossbach Brasil Company

Sede: New-York Matriz no Brasil: Pernambuco

**Exportadores e fabricantes de
óleo de caroço de algodão**

FILIAES:

Bahia, Maceió, Pedra, Parahyba,
Ceará e Pissaby



AGENCIAS:

Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande
do Sul, Pará e Maranhão

Compra: Pelles de cabra, carneiro, veado, etc. Couros de boi, borracha de maniçoba e de mangabeira, cêra de carnaúba, caroço de algodão, etc.

Escriptorio: Rua dos Guararapes, 297 — Fabrica: Rua do Brum, 485

Caixa do Correio n. 109 — End. Teleg: ROSSBACH

TELEPHONE N. 1741

Joalheria Krause

Casa fundada em 1879

Jóias, Brilhantes, Perolas, Artigos
para presentes, Prataria
— Electroplate, Objectos de Arte
Relógios de Ouro, Prata
e Nickel, etc. etc.

Krause & Comp.

Rua 1. de Março, 43 — Esq. R. 15 Novembro

RECIFE

Telegramma—KRAUSECO

Caixa Postal 37

Telephone 24

Filias—Pará, Maranhão, e

Rio de Janeiro (Ouvidor), 152

Carneiro Galvão Ltda.

*Commissões, Representações e
Madeiras do Paiz*

Agentes e Banqueiros da Companhia Sante
ta de Seguros (seguros terrestres,
marítimos e ferroviários)

LLOYD INDUSTRIAL SUL AMERICANO

(seguros contra accidentes de trabalho,
automoveis etc.)

Agente e Stockista, nos Estados da Pernambuco, Parahy-
ba, Rio Grande do Norte e Alagoas, da United States Rubber
Export Company Limited peças, artigos de borracha e me-
chanicos, da General Motors Export Company

Autos Balch e Oldsmobile.

Caixa Postal, 266 — MARQUEZ DE OLINDA, 874

End. Teleg. GALVÃO

Recife

PERNAMBUCO — BRASIL

LLOYD REAL HOLLANDEZ

— AMSTERDAM —

Linha para o Brasil e Rio da Prata

Vapores saem para
Europa

Flindria	04 Mar
Gólia	7 Apr.
Zeehindia	11 Apr.
Orania	5 Mai
Flindria	14 Mai
Gólia	9 Jun
Zeehindia	23 Jun
Orania	14 Jul
Gólia	4 Aug.
Zeehindia	15 Aug.
Orania	15 Sept.
Gólia	19 Sept.
Flindria	12 Oct.
Zeehindia	27 Oct.
Orania	17 Nov.
Gólia	1 Dec.
Flindria	15 Dec.
Zeehindia	29 Dec.

Vapores a sair para
Europa

Flindria	17 Apr.
Gólia	1 Ma.
Zeehindia	15 Mai
Orania	19 Mai
Flindria	19 Jun
Gólia	3 Jul
Zeehindia	17 Jul
Orania	7 Aug.
Flindria	28 Aug.
Zeehindia	19 Sept.
Orania	7 Oct.
Gólia	21 Oct.
Flindria	8 Nov.
Zeehindia	30 Nov.
Orania	11 Dec.
Gólia	25 Dec.
Flindria	8 Jan.
Zeehindia	22 Jan.

Emittem-se bilhetes da chamada de todos os paizes da
Europa, em condições muito vantajosas.

Fornecemos bilhetes de ida e volta, com o desconto de
10 por cento sobre o total das passagens.

Serviço triangular, somente para 1.ª classe, em com-
binação com as companhias Munson Line e United States
Lines. Pelo Lloyd Real Hollandez, entre a America do Sul
e Cherbourg Southampton.

Para passagens e demais informações, com o agente
JULIUS VON SOHSTEN—Avenida Rio Branco n. 126,

Madame DAFNER

Cartomante e chiromante,

scientista celebre por suas


prophecias todas realiza-

das, continúa a attender

a sua distincta clientella

na rua do

Concordia, 339


GARANTO-LHE: 

 se beber

“Antarctica 

 Pilsener”

não mais beberá 

 outra cerveja

Armazens CRUZ VERMELHA

REGISTRADA

Casa matriz: Rua da Detenção, 323

Tel. n. 900 Filial e escript.

Rua João do Rego, nr. 252—258

TEL. 552

Telegrammas: — FALMEIDA

Caixa 254

RECIFE — PERNAMBUCO

E. U. DO BRASIL

F. ALMEIDA & Cia.

Importadores e Exportadores

End. Teleg. — HISPANIA

CODIGOS: }

BENTLEY
LIBERS 5 lettras
A. B. C. 5 ed. melh.
RIBEIRO, BORGES
PARTICULARES

Luis Peres

Importação e Exportação
Representações — Consignações — Comis-
sões — Conta Propria

CONSIGNATARIOS DE VAPO-
RES

Escriptorio — RUA BOM JESUS, 163, 1.º

Caixa Postal — 179 — Telephone, 1853

Recife — Pernambuco

BRASIL

Grandes Premios

Exposição Internacional de Hygiene no Rio de Janeiro

— 1909 —

Exposição do 1.º Congresso Pau-Americano Odontologico

— 1913 —

LUIZ HERMANN FILHO & Cia. Ltda.

Successores de Luis HERMANN & CIA.

Casa fundada em 1855

Grande deposito de artigos dentarios

Especialidade para a hygiene da bocca

Cutelaria fina

RUA GONÇALVES DIAS — 54

— Rio de Janeiro —

Caixa do Correio 247 — End. Teleg. DEPOSITO

Codigos: Ribeiro, A B C 5.ª edição. Western Union

Teleph. Central 3360 — Com 11 ramais para diversas Succões

Paschoal Caruso & Cia.

Rua General Camara 214 — ENDEREÇO TELEGRA-

PHICO: CARUSO

Caixa Postal N. 28

Codigos:

A. B. C. Edição e 5.ª Melhorada, Bentley's, Ribeiro,
Borges e Mascotte SANTOS

Artigos sanitarios em geral — Materiaes para en-
canamentos de agua, gaz e exgottos — Chapas de
ferro galvanizadas e pretas — Chapas de cobre, latão,
metal branco e zinco — Folhas de flandres — Tubos
de cobre e latão — Tubos galvanizados e respectivas
conexões — Ferramentas — Miudesas — Latão em
barras redondas e sextavadas — Chumbo em barra e
lençol — Ferro em barras etc.

Mantem sempre um consideravel stock, o mais
completo de todas as bitolas, desde 3/8 até 6 polleg-
das. A sua tabella de preços é A MAIS BARATA
DE TODAS, pois especialisam-se neste ramo a tal
ponto que podem considerar-se vencedores de TODA
E QUALQUER COMPETENCIA. Os seus preços
mais elevados não excedem a 10% sobre o custo da
importação, ao passo que vendem um sem numero de
peças ao exacto custo-fabrica.

Não comprem CONNEXÕES GALVANISA-
DAS sem consultar os seus preços

Representa em Pernambuco ALBERTO GENN
Av. Marques de Olinda, 150—1.º andar

Pereira Carneiro

& Cia. Ltda.

(Companhia Commercio e Navegação)

CAPITAL REALISADO 15.000:000\$000

End. Telegr. UNIDOS — Caixa Postal, 482 — Serviço de navegação para a Europa, America e portos do Brasil

Frota actual: 20 vapores

Numerosa frotilha para serviços de descargas e transportes

DIQUE LAHMEYER

O MAIOR DA AMERICA DO SUL

Armada no Caes de Porto com capacidade para deposito de 3.000 saccos



Commercio de sal

COMMERCIO DE SAL EM ALTA ESCALA

Proprietaria das mais vastas e productoras salinas do Brasil

Sal de Macão e seus derivados

"Uma" e "Comnhiero", (Extra refinado) typo Cadiz

USINAS DE REFINAÇÃO E PURIFICAÇÃO
DEPOSITOS: NO RIO E S. PAULO



Fabrica S. Joaquim — E. do Rio

SACARIAS E OUTROS TECIDOS DO MAIS GROSSO AO MAIS FINO

TELEPHONE: 4652. (MESA DE LIGAÇÃO PARA TODAS AS SECÇÕES INTERNAS)

Avenida Rio Branco, 110 e 11

RIO DE JANEIRO

O ESTADO DE PERNAMBUCO TEM CONTRIBUÍDO PARA A UNIÃO, DURANTE 35 ANOS DE REPÚBLICA, COM A IMPORTÂNCIA DE

914.235:100\$785

**Demonstrativo da arrecadação de toda renda federal no Estado de Pernambuco em todo o
regimen Republicano desde de 1890 a 1924 (35 annos)**

GOVERNOS	Anos de governo	Acreditação em mil réis ouro	Acreditação em mil réis papel	Valor da arrecadação correspondente a mil réis papel	Valor da renda correspondente a mil réis papel
Imperador D. João, de 1818 a 1825	130	1.353	50	12.034.525	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1825 a 1831	55	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1831 a 1834	33	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1834 a 1836	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1836 a 1838	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1838 a 1840	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1840 a 1842	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1842 a 1844	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1844 a 1846	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1846 a 1848	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1848 a 1850	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1850 a 1852	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1852 a 1854	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1854 a 1856	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1856 a 1858	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1858 a 1860	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1860 a 1862	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1862 a 1864	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1864 a 1866	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1866 a 1868	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1868 a 1870	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1870 a 1872	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1872 a 1874	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1874 a 1876	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1876 a 1878	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1878 a 1880	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1880 a 1882	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1882 a 1884	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1884 a 1886	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1886 a 1888	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1888 a 1890	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1890 a 1892	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1892 a 1894	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1894 a 1896	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1896 a 1898	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1898 a 1900	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1900 a 1902	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1902 a 1904	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1904 a 1906	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1906 a 1908	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1908 a 1910	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1910 a 1912	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1912 a 1914	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1914 a 1916	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1916 a 1918	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1918 a 1920	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1920 a 1922	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1922 a 1924	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1924 a 1926	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1926 a 1928	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1928 a 1930	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1930 a 1932	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1932 a 1934	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1934 a 1936	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1936 a 1938	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1938 a 1940	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1940 a 1942	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1942 a 1944	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1944 a 1946	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1946 a 1948	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1948 a 1950	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1950 a 1952	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1952 a 1954	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1954 a 1956	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1956 a 1958	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1958 a 1960	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1960 a 1962	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1962 a 1964	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1964 a 1966	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1966 a 1968	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1968 a 1970	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1970 a 1972	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1972 a 1974	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1974 a 1976	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1976 a 1978	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1978 a 1980	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1980 a 1982	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1982 a 1984	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1984 a 1986	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1986 a 1988	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1988 a 1990	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1990 a 1992	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1992 a 1994	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1994 a 1996	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1996 a 1998	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 1998 a 2000	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2000 a 2002	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2002 a 2004	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2004 a 2006	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2006 a 2008	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2008 a 2010	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2010 a 2012	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2012 a 2014	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2014 a 2016	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2016 a 2018	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2018 a 2020	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2020 a 2022	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2022 a 2024	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2024 a 2026	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2026 a 2028	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2028 a 2030	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2030 a 2032	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2032 a 2034	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2034 a 2036	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2036 a 2038	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2038 a 2040	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2040 a 2042	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2042 a 2044	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2044 a 2046	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2046 a 2048	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2048 a 2050	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2050 a 2052	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2052 a 2054	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2054 a 2056	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2056 a 2058	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2058 a 2060	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2060 a 2062	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2062 a 2064	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2064 a 2066	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2066 a 2068	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2068 a 2070	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2070 a 2072	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2072 a 2074	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2074 a 2076	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2076 a 2078	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2078 a 2080	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2080 a 2082	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2082 a 2084	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2084 a 2086	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2086 a 2088	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2088 a 2090	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2090 a 2092	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2092 a 2094	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2094 a 2096	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2096 a 2098	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2098 a 2100	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2100 a 2102	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2102 a 2104	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2104 a 2106	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2106 a 2108	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2108 a 2110	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2110 a 2112	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2112 a 2114	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2114 a 2116	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2116 a 2118	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2118 a 2120	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2120 a 2122	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2122 a 2124	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2124 a 2126	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2126 a 2128	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2128 a 2130	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2130 a 2132	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2132 a 2134	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2134 a 2136	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2136 a 2138	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2138 a 2140	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2140 a 2142	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2142 a 2144	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2144 a 2146	22	1.100	10	1.100	8.055.324,9
Príncipe D. Pedro, de 2146 a 2148	22	1.100			

—OBSERVAÇÃO—

[illegible]

-4158561-

Esta é a quota com que cada Pernambuco concorreu para o Governo Federal

—NOTA IMPORTANTE—

A. J. H. (C) 1990 H. J. H. S.

Grandes Premios

Exposição Internacional de Hygiene no Rio de Janeiro

— 1909 —

Exposição do 1.º Congresso Pan-Americano Odontológico

— 1913 —

LUIZ HERMANN FILHO & Cia. Ltda.

Successores de Luis HERMANNY & CIA.

Casa fundada em 1855

Grande deposito de artigos dentarios

Especialidade para a hygiene da bocca

Cutalaria fina

RUA GONÇALVES DIAS — 54

— Rio de Janeiro —

Caixa do Correu 247 — End. Telog. DEPOSITO

Codigos: Ribeiro, A B C 5.ª edição, Western Union

Teleph. Central 3368 — Com 11 ramais para as diversas Seções

Paschoal Caruso & Cia.

Rua General Camara 214 — ENDEREÇO TELEGRA.

PHICO: CARUSO

Caixa Postal N. 28

Codigos:

A. B. C. Edição e 5.ª Melhorada, Bentley's, Ribeiro, Borges e Mascotte SANTOS

Artigos sanitarios em geral — Materiaes para encanamentos de agua, gaz e exgottos — Chapas de ferro galvanizadas e pretas — Chapas de cobre, latão, metal branco e zinco — Folhas de flandres — Tubos de cobre e latão — Tubos galvanizados e respectivas connexões — Ferramentas — Miudeas — Latão em barras redondas e sestavadas — Chumbo em barra e lençol — Ferro em barras etc.

Mantem sempre um consideravel stock, o mais completo de todas as bitolas, desde 3/8 até 6 polegadas. A sua tabella de preços é A MAIS BARATA DE TODAS, pois especialisam-se neste ramo a tal ponto que podem considerar-se vencedores de TODA E QUALQUER COMPETENCIA. Os seus preços mais elevados não excedem a 10% sobre o custo da importação, ao passo que vendem um sem numero de peças ao exacto custo-fabrica.

Não comprem CONNEXÕES GALVANISADAS sem consultar os seus preços.

Representa em Pernambuco ALBERTO GENN

Av. Marquez de Olinda, 150—1.º andar

Joalheria Krause

Casa fundada em 1870

Jóias, Brilhantes, Perolas, Artigos

para presentes, Prataria

— Electroplate, Objectos de Arte —

Relogios de Ouro, Prata

e Nickel, etc. etc.

Krause & Comp.

Rua 1. de Março, 43 — Esq. R. 15 Novembro

— RECIFE —

Telegramma KRAUSECO

Caixa Postal 37

Telephone 424

Filial—Pará, Maranhão, e

Rio de Janeiro (Ouvidor), 152

CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de rs.

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capillares. Não mancha a pele e não é nociva. É uma formula scientifica do grande botânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante".

1.) — Desapparece a Caspa

2.) — Cessa a queda dos cabellos

3.) — Os cabellos brancos descolorados, grisalhos voltam à cor natural primitiva, sem ser tingidos

4.) — Detem o nascimento de cabellos bran-

5.) — Nos casos de calvicia faz brotar novos cabellos.

6.) — Os cabellos ganham vitalidade tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio

Encontra-se nas boas perfumarias, drogarias e pharmacias.

"Aachen & Munich"

COMPANHIA ALLEMA DE SEGUROS.
devidamente autorizada pelo Governo Brasileiro
por Decreto n. 13712 de 7 de Agosto de 1919 a
reencetar as suas operações de seguros

Continúa a funcionar no Brasil e
aceitar seguros contra fogo

Sobre edificios, moveis, mercadorias, fa-
bricas, etc., etc., nas mesmas condições e com
as mesmas garantias, como antes da guerra,
tendo os Agentes no Brasil plenos poderes pa-
ra liquidar qualquer sinistro sem referencias á
Casa Matriz na Alemanha.

Agentes em Pernambuco. **Barza & C.**

Telegrammas — Brack — Caixa Postal 11

Casa Brack

Importação de
modas, miudezas, Chapéus e Perfumarias

E. BRACK & Cia

Estabelecida no Brazil em 1881

Rua Barão da Victoria, 244 (antigo 16)

—Pernambuco—

ROUPAS BRANCAS

Marca Reputada

por

Preços

baratos

só

na

Sortimento

Completo de

Artigos para via-

gem Vendas em Gros-

so e retalho

RUA DUQUE DE CA-

SIAS 735 (235)

Camisaria Especial

M. da Nova & Cia.

Commissarios Representantes
e Importadores
de

Xarque, Farinha de Trigo, Sebo e
Graxa refinada

Codigos: Ribeiro, Borges, A. B. C. 5.ª Ed.
e Particulares

Endereço Telegraphico: "CENTRA"

Caixa Postal N. 222

TELEPHONE N. 1888

RUA VIGARIO TENORIO N. 113

Pernambuco



A "Mimoça"

SÃO para ella todos os mimos; ella bem o merece porque é meiga, boa, carinhosa. Demais, desde pequenina teve muito delicada saúde o que fazia os paes redobram de carinhos.

Que dores de ouvido, Mãe Santissima e que dores de dentes soffreu a probresinha!

Agora tudo isso felizmente acabou. Uma dose de

CAFIASPIRINA

faz-a em cinco minutos, completamente boa e restitue-lhe aos labios o sorriso angelico e aos olhos a expressão de alegria.

NÃO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS

E' tambem um rival contra dores de cabeça, nevralgias, reumatismo. Regulariza a circulação e restaura as forças.



Não aceite comprimidos falsos. Pe a o tubo com 20 comprimidos, ou o envelope "CAFIASPIRINA" com dois, ou então o disco "CAFIASPIRINA" com um comprimido.

Gosae a delicia dos cigarros

ALERTA Mistura suave
ILIA Mistura de luxo
E
MISTURA 2
DA

FABRICA CAXIAS

ATELIER DE GRAVURAS

DE

EMILIO FRANZOSI

(Fundado em 1917)

Fabrica de Placas de ferro esmaltado, metal e letreiro

GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço. Cunhagem de medalhas e distintivos. Fórmulas para sabonetes. Marcas a fogo e recortadas. Sineles para lacre.

**CARIMBOS DE AÇO, METAL
E BORRACHA**

Premiado com diploma de honra e medalha de ouro na Exposição Geral de Pernambuco 1924

Trabalhos garantidos

TELEPHONE 539

Telegramma: — **GRAVURAS**

Rua Barão da Victoria 370.

RESTAURANTE

Manoel Leite

Praça Joaquim Nabuco, 147 — 153
TELEPHONE 872

Continua a merecer a mesma confiança do distinto publico pernambucano, a cujo bom gosto procura sempre corresponder.

Recife

Pernambuco

Pereira Carneiro & Cia. Ltda.

(Companhia Commercio e Navegação)

CAPITAL REALISADO 15.000:000\$000

End. Telegr. UNIDOS — Caixa Postal, 462 — Serviço de navegação para a Europa, America e portos do Brasil

Frota actual: 20 vapores

Numerosa frota para serviços de descargas e transportes

DIQUE LAHMEYER

O MAIOR DA AMERICA DO SUL

Armazens no Caes do Porto com capacidade para deposito de 3.000 saccos

Commercio de sal

COMMERCIO DE SAL EM ALTA ESCALA

Proprietaria das mais vastas e productoras salinas do Brasil

Sal de Macão e seus derivados

"Usina" e "Coeinheiro", (Extra refinado) type Cadiz

USINAS DE REFINAÇÃO E PURIFICAÇÃO
DEPOSITOS: NO RIO E S. PAULO



Fabrica S. Joaquim — E. do Rio

SACARIAS E OUTROS TECIDOS DO MAIS GROSSO AO MAIS FINO

TELEPHONE: 4652. (MESA DE LIGAÇÃO PARA TODAS AS SECÇÕES INTERNAS)

Avenida Rio Branco, 110 e 11

RIO DE JANEIRO

GARANTO-LHE:

..... se beber

“Antarctica

..... Pilsener”

não mais beberá

..... outra cerveja

SUMMARIO

Edição de hoje: 60 páginas

A excursão do exmo. governador do Estado a Nazareth e Timbaúba.

—O dr. Washington Luis em Pernambuco.

—Na Faculdade de Direito.

—A Mensagem do sr. Governador.

—"Saúde e Assistência".

—A "Imprensa Official".

—Pernambuco Sanitario — Gilliat Schestini.

—O homem que roubou um prazer... — Heloisa Chagas.

—Na auditoria de Guerra.

—Canção do ritualismo do teu corpo — Bruno de Menezes.

—Abastecimento d'água.

—Dr. Estacio Coimbra.

—Trilhos a Pernambuco.

—Vida religiosa.

—Penas e systemas repressivos — Candido Marinho.

—Pelos Desportos.

—Um estetha — Juanita Boyer — Machado.

—Palacio da Justiça.

—Telephones automaticos.

—A nossa defesa sanitaria.

—Dr. Amaury de Medeiros.

—A festa das arvores — Osíris Carneiro.

—Plenilunios — Endas Alves.

—Sou crítico! — Debora do Rego Monteiro.

—Vida social.

—Foi o que me disse Paulo Verhine — Edmar-Farias.

—Alvorada — Gilliat Schestini.

—Impressões de um passeio — Padre Celestino de Figueiredo.

—A "Revista" em Limoeiro. Gamelleira de Bulque, Timbaúba, Nazareth, Floresta dos Leões, Pau d'Alho, São Lourenço, etc.

—"Com a minha sina de chorar", não credes na mulher? e no Porto — Murillo Costa.

—Página de recreio.

M. DA NOVA & CIA.

Commissarios, Representantes Importadores

Xarque, Farinha de Trigo, Sêbo e Graxa refinada Codigos: Ribeiro, Borges, A. B. C. (5.ª Ed.) e Particulares. End. Teleg. "Cintra". Telephone, 1885. Caixa Postal, 222. Rua Vigário Tenório, 118, PERNAMBUCO.

LEÃO & CIA.

Assucar, alcool, borracha e anilagem

Rua Barão do Triunpho, 203

Elixir de Nogueira



Emagrecido com grande successo contra a

SYPHILIS

e seus terribes conseqüencias. Milhares de attestados medicos.

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

Um optimo elemento de combater á tuberculose

A escarradeira hydro-automatica virá offerecer um optimo elemento de combate á peste branca.

E' mais do que sabido que a fonte primordial do contagio da tuberculose é o escarro pela grande quantidade de germens que encerra.

O escarro, principalmente no interior das habitações, onde os germens encontram todas as condições favoraveis ao seu pullulamento, taes como, a humidade, a obscuridade, a materia organica, e são sómente desalojados de habitação favoravel para outro ainda melhor, o organismo humano, para onde são levados pelas poeiras desprendidas pela vassouragem diaria, constitue um grande perigo, mas não se podia obrigar a população a acabar com o máo e pernicioso habito de escarrar no chão, enquanto não houvesse um systema perfeito para a collecta e destino do escarro. Os antigos typos de escarradeira não servem, e são com razão desprezados pela maioria das pessoas asseadas, que preferem se privar do uso de appparelhos tão asquerosos.

Não garantem, como já mostramos, uma boa collecta dos escarras que são com frequencia projectados fóra do vaso, mas mesmo quando tal não se desse, offerecem o enorme perigo da contaminação no momento em que são lavados.

A escarradeira de limpeza automatica com tampa e jacto d'agua movida a pedal, é o que ha de mais hygienico pois a collecta e remoção do escarro para o esgoto é immediata sem nenhuma intervenção manual.



TIPO PAREDE



E' encontrada em todas as casas de ferragens,
artigos sanitarios e cirurgia



TIPO CENTRO